

Charta

Movimento Político pela Unidade



Charta

Movimento Político pela Unidade



Centro Internacional do MPPU



Uma política pela unidade

Unidade é a palavra que, sozinha, define o carisma de Chiara Lubich e se traduz em amor concreto e incondicional ao outro, na atenção a todos, inclusive o 'inimigo', no compromisso de dialogar a 360°... para estabelecer a reciprocidade, contribuindo assim para um mundo unido, na riqueza da diversidade reconhecida e a disposição do bem comum.

Neste horizonte de fraternidade universal, o instinto político sempre esteve presente no pensamento e na ação de Chiara. Desde os primeiros dias afirmava: "se um dia os povos souberem pospor, a ideia que têm de seu próprio país... por esse amor mútuo entre os Estados que Deus pede como pede o amor recíproco entre irmãos, aquele dia será o começo de uma nova era" (Città Nuova, 30.8.59).

Na década de 1960, juntamente com Igino Giordani e outros parlamentares italianos, ela deu vida ao Centro Santa Catarina, aberto a todos os envolvidos na vida política e pública que desejavam deixar-se iluminar pelo Evangelho na ação política. Chiara escreveu de próprio punho o primeiro estatuto.

Essa iniciativa retomou força anos depois, quando em 2 de maio de 1996, em Nápoles, fundou, junto a políticos de direita e esquerda da época, o Movimento Político pela Unidade.

Depois de vinte anos de compromisso com idéias e práticas em todo o mundo, aqui está a Carta. Ela sublinha as notas tomadas ao longo do tempo, se inspira na cultura política enraizada no ideal da unidade e nos primeiros passos daqueles que fizeram história até agora.

Publicamos assim, neste ágil volume, numa coletânea comentada por textos inéditos e discursos públicos de Chiara Lubich, uma primeira apresentação de uma política pela unidade.



Igino Giordani e Chiara Lubich



As raízes





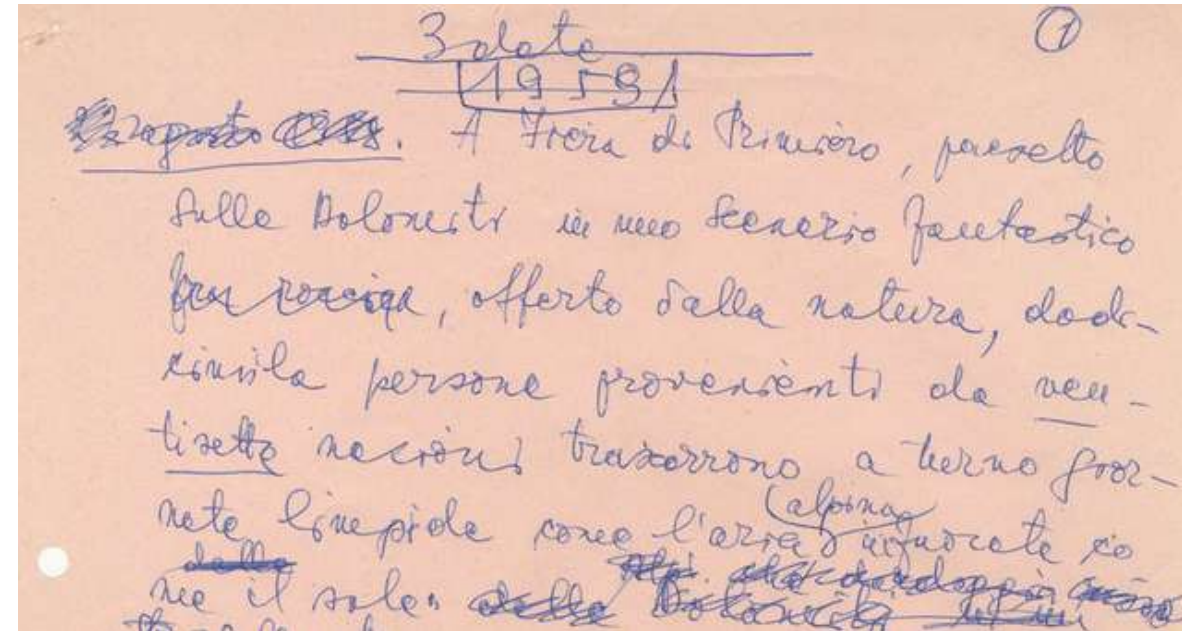
As três primeiras datas



Chiara Lubich e Igino Giordani com um grupo, Fiera di Primiero, 195x.

De 1949 a 1959, o Valle del Primiero (Norte da Itália) acolhe, como autêntica "cidade temporária", aqueles que vivem o ideal da unidade. São jovens, famílias, leigos, religiosos, operários, deputados... da Europa, da América Latina, da Ásia... São anos de luz e fogo que dão a certeza de que a unidade é possível também na dimensão social e política.

No verão de 1959, 12.000 pessoas passaram aí alguns dias. No dia 22 de agosto, vinte e sete representantes, cada um de um país, assumem publicamente o compromisso de construir o amor mútuo não apenas entre si como pessoas, mas também entre seus povos.



Notas autógrafas de Chiara Lubich para o Centro de Santa Catarina, 1962

Um grupo de deputados consagra sua ação política a esse objetivo.



Parlamentari alla Mariapoli del '59 Tomaso Sorgi, Igino Giordani, Enrico Rosselli e Palmiro Foresi

1960
1960 Filburgo in Svizzera
~~La nota nel~~
~~contro~~ interregionale del Centro
del Centro

Notas autógrafas de Chiara Lubich para o Centro de Santa Catarina, 1962

Alguns anos depois, Chiara definirá essa data como uma etapa da contribuição para renovar a política e as relações internacionais.

fonda il ~~Bureau~~ Internazionale S. Ca-
terina ~~composto da~~ ~~direttamente~~
~~deplendo~~ persone ~~che~~ ~~interessate~~
nella politica del loro paese ed ~~molte~~
socialmente ~~informate~~ dello spirito che ani-
ma il Movimento.

Notas autógrafas de Chiara Lubich para o Centro de Santa Catarina, 1962

il Centro S. Caterina possa inserirsi
come pietra in un mosaico ed, perciò
per portare il proprio contributo a

Notas autógrafas de Chiara Lubich para o Centro de Santa Catarina, 1962

"Sono questi i tempi - e qui le forse delle tenebre, a con-
ferma del Vangelo, lo stanno a dimostrare - in cui ogni popolo deve
oltrepassare il proprio confine e guardare al di là; è arrivato il
momento in cui la patria altrui va amata come la propria, in cui il
nostro occhio ha da acquistare una nuova purezza. Non basta il di-

Transcrição das notas autógrafas de Chiara Lubich para o Centro de Santa Catarina, 1962

Confoto del Centro S. Caterina particolare.
Per al mondo me' interpretazione
dei fatti secondo 'lesse in messo'.
me' servizio eserce all'unicate perché
sia fatto con serietà, molto studio, grande
dotacco, perfetta unite.
Il Centro si affermerà proprio con
queste sue idee originali che saranno
me' risaltante degli sforzi di alcuni
compilato; ma totalmente notati a
Dio.

Notas autógrafas de Chiara Lubich para o Centro Santa Catarina, 1962



Igino Giordani



Em 1948, encontramos na Câmara dos Deputados, com o Exmo. Igino Giordani, uma personalidade com vasta experiência cultural, social e política, um combatente nos anos difíceis do pós-guerra, professor e ponto de referência para as gerações que, sob a ditadura, ansiavam pela liberdade. Giordani foi cofundador do Movimento dos Focolares e aos nossos olhos sempre representou, por um desígnio particular de Deus, a realidade da humanidade, a história dela, seus sofrimentos, suas realizações, sua busca por um verdadeiro ideal. Ele traz a humanidade ao nosso coração com seus problemas e ansiedades: a reconstrução do país e da Europa após a Segunda Guerra Mundial, a democracia nascente, a divisão Leste-Oeste. Por sua vez, Giordani recebe um novo impulso para sua atividade política a partir do espírito do Movimento. O demonstram: seu discurso sobre a paz universal – acolhido com aplausos por todo o Parlamento; o primeiro projeto de objeção de consciência, apresentado junto com o socialista Calosso; o diálogo sobre a paz com o comunista Lajolo. Bem cedo, em torno a Giordani formou-se um bom grupo de deputados que compartilham nosso Ideal e tentam vivê-lo no Parlamento. Nós experimentamos lá, pela primeira vez em um cenário político, aquela arte de amar da qual falei.

(cf C. Lubich, O Movimento de unidade para uma política de comunhão, Rocca di Papa, 9 de junho de 2000, em "New Humanity" 131 (2000))

Não vamos deixar nosso cristianismo pendurado no cabide

Igino Giordani: «Lembro-me que certa vez, na Câmara dos Deputados, falava com um grupo de colegas sobre o nosso papel como cristãos envolvidos na atividade política do parlamento.

A certa altura, alguém, que era uma autoridade muito importante, disse: "Na Câmara não se faz religião; fazemos política!" Então eu respondi: "Quando entramos no Parlamento, não deixamos a nossa consciência religiosa fora, pendurada no cabide, e entramos apenas como políticos. Eu sou cristão, vinte e quatro horas por dia, isso inclui o momento em que estou o Parlamento (...)».

De Gasperi: reencontrei a esperança

O fato é que, depois de três ou quatro meses que eu conhecia Chiara, um dia nós caminhávamos ao longo da praia de Fregene e encontramos, em 1949, durante o inverno de '49, encontramos De Gasperi (...). "Por que você não vem almoçar conosco, e te explicamos do que se trata? Ele diz: "Eu tenho muita coisa para fazer, problemas tão graves que eu realmente não posso me distrair". Era de fato, um período em que (...) se temia uma revolução



O Exmo. Igino Giordani em uma reunião de seu próprio partido, 1946.

devido à fome, a revolução comunista (...)". Bem, se você não pode vir comer, pelo menos venha tomar um café". "Não, acho que eu não posso, eu

tenho que ir agora a Roma, eu tenho muitos problemas”. Mas começa a conversar conosco... E tinha aquela pressa para ir a Roma, mas às nove horas da noite ele ainda estava conosco. Eu lembro que saímos, a entrada com os pinheiros estava escura porque não havia luz elétrica, e ele me confidenciou: "Hoje de manhã me levantei em desespero, mas agora a noite vou dormir com esperança, reencontrei a esperança, graças a vocês".

Ele veio sentar ao meu lado

Tinha uma discussão sobre o Pacto Atlântico, sobre a formação dos dois blocos: um liderado pela América, os Estados Unidos, e outro liderado pela Rússia; estavam sendo feitos preparativos para uma nova guerra, um massacre, a guerra definitiva. E um dia na Câmara discutíamos isso muito alterados; eu me lembro: estávamos tão irritados naquela noite na Câmara, que eu temia que alguém tirasse um revólver e atirasse, de tão grande era o ódio entre os dois grupos. Eu tinha pedido para falar... e antes de falar ele veio sentar ao meu lado (...) O Sr. Pacati (...) então ele me disse: "Tenhamos Jesus no meio enquanto você fala". E eu tomo a palavra. No princípio ainda tinha muito barulho, gritos, etc.; lentamente foi-se fazendo silêncio, e no

final parecia que a Câmara se havia transformado numa igreja, havia um silêncio perfeito e eu expunha as idéias que aprendemos em nosso movimento, que a guerra é inútil, que a guerra é a maior estupidez, que a guerra só serve para a morte; disse que nós não queremos a morte, queremos a vida e que a vida está no amor, buscando a concórdia. Quem nos impede de nos por de acordo em vez de guerrear? Resumindo, eu expus todos os tópicos racionais e cristãos que você pode imaginar. E lentamente se rompeu o silêncio, no final, um aplauso geral, todos os de extrema esquerda até os de extrema direita.

(Igino Giordani, transcrição do discurso, Rocca di Papa, 1.5.1977)

A paz é alcançada com paz

"A guerra é um assassinato em grande escala, revestido por uma espécie de culto sagrado, como era o sacrifício do primogênito ao deus Baal: e isso por causa do terror que incute, da roupagem de retórica e dos interesses que estão envolvidos. Quando a humanidade progredir espiritualmente, a guerra será catalogada juntamente com os ritos sangrentos, superstições de feitiçaria e fenômenos de barbárie. A guerra é para a humanidade como a doença para a saúde, como o pecado para a alma: é destruição pura e investe corpo e alma, o indivíduo e a comunidade".

"A história confirma a lógica cristã, já que equipar-se de armas leva ao medo, à desconfiança, à guerra. Aqueles que dizem "Se você quer paz, prepare a guerra" são falsos realistas. Basta abrir um manual de história para ver o que produz o acúmulo de armas e munições. A paz é difícil. Não somos ingênuos por ser cristãos. Nós queremos paz e não ilusão. A paz não cairá do céu, já pronta. A paz requer uma ação paciente que devemos fazer juntos. Em outras palavras, a paz é alcançada com paz".

"A raiz da guerra é o medo. Para não ter medo do homem, devemos amá-lo. Mesmo que seja mal, mesmo sendo mendigo, mesmo que sujo, sempre vendo, sob seus trapos e sua fisionomia dura, o rosto de Cristo. É uma questão de despertar essa relação, que a tradição cristã antiga expressou no aforismo: "Ver o irmão, é ver o Senhor".



Se está muito longe desta inteligência divina quando se cultiva o classismo de um lado e o racismo do outro, provocando pretextos de fratricídio dentro do mesmo povo. Quem quer que lhe diga que aquele irmão é seu inimigo, é ele - quem lhe diz isso - seu primeiro inimigo.

O ódio é guerra, a guerra é miséria e a miséria gera ódio, o que leva à guerra: a morte gera morte. Não seria hora de pensar em viver?

«Defende a guerra quem tem medo. A guerra está sendo travada porque se tem medo. Quem tem medo insulta e atira, por um instinto de libertação. É preciso coragem - uma coragem racional - para apoiar a paz".

(Igino Giordani, A inutilidade da guerra, Città Nuova 2003 pp. 7, 71-72, 82, 83)



Nápoles, 2 de maio de 1996



*... deve nascer um movimento
que abraça políticos de todos os partidos.*

Podemos chama-lo ...

“Movimento da unidade”

... espero que ele tenha futuro.

2 de maio de 1996 em Nápoles, Itália: um encontro entre Chiara Lubich e um grupo de políticos de diferentes partidos e referências culturais. É nesta ocasião - em uma cidade devastada pela Camorra e em uma fase difícil da política nacional italiana - que o Movimento Político pela Unidade formalmente nasceu. “Um movimento que abraça políticos de todos os partidos [...] e cria uma cultura a serviço daqueles [...] como você que está em busca do bem [...] espero que tenha futuro”. Parecia inicialmente destinado à Itália, mas logo se tornou uma inundação de idéias, reuniões, iniciativas que alcançaram, nos continentes, políticos de várias referências culturais, como a própria Chiara explica em 1998 em Estrasburgo:

«Em maio de 1996, em Nápoles, na Itália, de “nossos” membros do Movimento engajados na política em vários partidos, surgiu esta questão: como, partindo de posições diferentes ou até mesmo opostas, podemos almejar a unidade? E nos veio uma resposta. Colocar em prática, como base para tudo, o amor recíproco, como Pedro recomenda às primeiras comunidades cristãs: “Antes de tudo, antes de ser políticos e de pensar, de trabalhar como tal - manter entre nós um grande amor, uma grande caridade” (ver I PT 4.8). Depois poderemos pertencer a distintos partidos. E isso certamente não é para formar um partido único, mas sim para estar dispostos, em total lealdade às afiliações políticas, a entender as razões do outro num espírito de unidade; um espírito de unidade que atua não apenas excepcionalmente, mas que esteja vivo como uma norma fundamental e contínua para a política de cada povo e também na esfera internacional; um espírito de unidade que ajuda a assumir posições comuns a fim de salvaguardar os valores humanos.

Nesse dia, em Nápoles, nasceu o Movimento da Unidade.

Começou a se desenvolver em toda a Itália. Ao redor de 200 pessoas já foram eleitas (de conselhos municipais até o parlamento nacional), tanto na direita como na oposição; e mil ou mais são aqueles envolvidos em diferentes partidos. Mas nós não paramos na Itália. O Movimento da Unidade está agora florescendo no resto da Europa, nas Filipinas, assim como na Argentina, no Brasil, e já dá seus primeiros frutos”.

(C. Lubich ao Grupo do Partido Popular Europeu, sede do Parlamento Europeu, Estrasburgo, 15 de Setembro de 1998 - publicado em "Nuova Umanità" 119 (1998) pág. 525 "O Movimento dos Focolares nos seus aspectos políticos e sociais")



O Movimento da Unidade por uma política de comunhão

Hoje estamos aqui para abrir – como os senhores sabem – o Congresso internacional do Movimento da Unidade. Uma etapa importante para conhecer em profundidade a sua identidade, os ideais que almeja, os seus métodos e os seus objetivos.

O surgimento do Movimento da Unidade é recente. Remonta ao dia 2 de maio de 1996, quando me encontrei com um grupo de políticos em Nápoles, na Itália. Todavia, ele tem suas raízes na história, na espiritualidade e na doutrina do Movimento dos Focolares, pelo qual é fomentado. De fato, sempre dispensamos ao mundo político uma atenção especial, porque nos oferecia a possibilidade de amar o próximo numa escala crescente de caridade: do amor interpessoal a um amor maior que abraça a polis. Diversos membros do Movimento trabalham na política, muitas vezes ocupando cargos de responsabilidade.

Em Trento, em 1944, nós, primeiras focolarinas, permanecemos na cidade enquanto as nossas famílias saíram em busca de outros refúgios. Correndo para os abrigos antiaéreos, conseguíamos levar conosco só um pequeno livro, o Evangelho. Ali, cientes de que cada encontro nosso poderia ser o último, em meio aos sonhos que a guerra destruía, semeando a morte, demolindo as casas, procuramos um Ideal que nenhuma bomba pudesse destruir, pelo qual valia a pena empregar a própria vida. E Deus Amor se revelou a nós. Amor, porque são Três Pessoas que se amam. E todos somos chamados a participar dessa comunhão de amor. Amor que deveria ser também a essência da nossa vida, como filhos do Amor. Amor que devíamos oferecer aos outros, às pessoas que precisavam de um auxílio espiritual, de conforto, mas também de alimentos, de sapatos, de roupas, de casas. O ódio e o egoísmo humano destruía ou faziam desaparecer todos esses bens. Respondendo ao amor de Deus, amando os homens, fizemos surgir uma comunidade local na qual o amor evangélico encontrava soluções para o problema social e uma nova organização para a vida de todos.

Estava nascendo um Movimento religioso alicerçado num carisma que ajudaria a realizar o "sonho de um Deus", como dizem os nossos jovens: a unidade.

«Pai, que todos sejam um» (Cf Jo 17, 21), Jesus havia rezado.

Um Movimento religioso que bem cedo revelou também um significado político.

Hoje gostaria de rever, com os senhores, os eventos da nossa história que mais estimularam a formação da nossa concepção política, destacando em cada um deles aquilo que exprime um valor duradouro e que, a meu ver, pode enriquecer o patrimônio do Movimento da Unidade.

Em 1948 conhecemos, na Câmara dos Deputados, o deputado Igino Giordani. Ele era uma personalidade com uma grande experiência cultural, social e política. Teve parte ativa nos momentos difíceis do primeiro período pós-guerra. Foi um pensador e referencial para as gerações que, sob o regime ditatorial, aspiravam à liberdade. Giordani foi o cofundador do Movimento dos Focolares e, aos nossos olhos, sempre representou, graças a um especial plano de Deus, a humanidade, a sua história, os seus sofrimentos, as suas conquistas, a sua busca de um ideal verdadeiro.

Ele, Giordani, abriu mais o nosso coração à humanidade com os seus problemas e os seus anseios: a reconstrução do País e da Europa após a Segunda Guerra Mundial, a democracia nascente, a divisão da Europa entre Leste e Oeste. Por sua vez, Giordani recebeu do espírito do Movimento um novo impulso para a própria atividade política. Algumas de suas ações foram: o seu discurso sobre a paz universal, que suscitou o aplauso de todo o Parlamento; o primeiro projeto de lei sobre a objeção de consciência, apresentado em colaboração com o socialista Calosso; o diálogo sobre a paz com o comunista Laiolo.

Rapidamente se formou em torno de Giordani um discreto grupo de deputados que partilhavam o nosso Ideal e procuravam vivê-lo no Parlamento.

Experimentou-se ali, pela primeira vez numa sede política, aquela arte de amar sobre a qual já falei, numa ocasião especial, alguns meses atrás no Capitólio.

Essa "arte de amar" exige que amemos a todos sem discriminação e portanto também sem distinção de partido; que sejamos os primeiros a amar; que "nos façamos um" com o irmão para acolhê-lo, deixando o nosso coração livre das nossas preocupações e pensamentos.

Os cristãos são os primeiros chamados a viver essa "arte de amar", mas não são os únicos: todos podem e devem amar. É uma lei para toda pessoa, de qualquer convicção religiosa e está inscrito no DNA do ser humano.

E se o amor é recíproco – segundo o mandamento de Jesus: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (Cf. Jo 13,34) –, Jesus torna-se presente entre nós, como havia prometido: «Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome (significa, no meu amor), ali estou eu no meio deles» (Mt 18,20). Essa presença de Jesus transforma cada homem e gera a unidade entre eles: não é uma simples concórdia de intenções ou de opiniões, baseada na mesma opção política, mas a unidade humano-divina que une no modo mais profundo, para além das diferenças de cultura e de filiação política; essas diferenças, somente se estiverem apoiadas na unidade, adquirem o seu verdadeiro significado e, na reciprocidade, tornam-se uma riqueza comum.

Portanto, ainda hoje a norma é viver, acima de tudo, como verdadeiros cristãos e depois ter consciência do próprio empenho político.

Visto que hoje também participam do Movimento da Unidade pessoas não cristãs ou de outras culturas, esse empenho pode ser formulado da seguinte forma: em primeiro lugar, ser pessoas que acreditam nos valores profundos e eternos do homem, e a seguir trabalhar na ação política.

A presença de Jesus entre nós, efeito da unidade, é o coração de todas as nossas comunidades e também das nossas comunidades políticas. Em 1962, o deputado Tommaso Sorgi entrevistou quanto ela é necessária e me escreveu da Câmara dos Deputados: «Nós, que vivemos na medula da vida pública, constatamos a cada momento que no plano humano – inclusive no plano dos valores éticos mais nobres – não existe nenhuma esperança de redenção para este mundo com uma visão tão estreita, de falsidade, de luta, de corrida ao poder. Infelizmente constatamos também que os valores religiosos em si não conseguem modificar o homo politicus. Ele os aceita na medida em que lhe são úteis, e os abandona tão logo tornam-se um

empecilho. (...) A ação de conquista individual (...) por si só parece insuficiente. É necessária a manifestação luminosa da Sabedoria, sacudindo a humanidade inteira (...)».

Essa Luz da Sabedoria não pode vir senão de Deus que, em Jesus, atraído pelo nosso amor recíproco, torna-se presente entre nós, onde trabalhamos e, por meio de nós, age politicamente.

Foi esse o objetivo da nossa "célula parlamentar", que desde 1950 até hoje viu mudar os próprios membros – os quais, a certa altura, pertenciam também a partidos diferentes –, mas nunca viu mudar o próprio objetivo: estabelecer acima de tudo (já que a nossa unidade o permite) a presença de Jesus no Parlamento.

Outra figura famosa que destacou a dimensão política que poderia ter o nosso Movimento foi aquela de Alcide De Gasperi. Ele era de Trento, tal como as primeiras focolarinas e focolarinos, e muito amigo do nosso Movimento.

A espiritualidade da unidade, que conheceu muito profundamente, o fascinava e reforçava nele a vocação à unidade que, junto com Adenauer e Schumann, fez dele um fundador da Europa Unida.

Principalmente nos últimos anos – como se constata através de um documentário sobre ele – todos os seus pensamentos confluíam, de certo modo, no "que todos sejam um" de Jesus. Aquele Jesus que De Gasperi invocou três vezes antes de morrer.

Quanto a nós, o nosso contato com De Gasperi nos fez perceber quanto pode construir um político que ama o seu país e quanto isso pode lhe custar.

Entre De Gasperi e nós houve uma certa correspondência. Numa carta de 1950 eu lhe escrevi: «O senhor vale para nós quanto vale a presença de Jesus entre nós, porque temos a convicção de que toda autoridade vem de Deus (...). O senhor tem a graça de estado para governar a Itália (...); deveria ser a expressão mais luminosa dos membros do seu partido e dos outros».

Essa recordação me permite explicar o conceito de autoridade que temos desde então.

Sabemos que Deus doa aos homens – como seus vigários no mundo – a autoridade que deveria ser instrumento de verdade e de amor (Cf. Jo 19,11). Por isso sempre tivemos um altíssimo conceito da autoridade.

Autoridade que, dada por um Deus que é Amor e que é Trindade, assume um significado que talvez dificilmente seja encontrado nas doutrinas políticas e nos códigos de direito. Para nós a autoridade é uma participação do amor do Criador por cada uma de suas criaturas, do amor de um Pai por todos os filhos, inclusive os mais fracos e insignificantes, que, porém, possuem em si a dignidade inviolável de ser filhos de Deus.

Essa autoridade que Deus deu a cada homem (cf. Gen 1,28-29) torna-se o fundamento de uma mais específica autoridade política, para o governo da cidade do homem.

É importante lembrar a grande, importantíssima responsabilidade que têm frente a Deus e aos homens aqueles que governam. Jamais devem esquecer que o cidadão é o primeiro que participa do amor de Deus pela cidade e tem funções a desempenhar de forma honesta, com direitos e deveres próprios. O cidadão não é o objeto, mas o sujeito verdadeiro da comunidade política e deve conscientizar-se disso. O poder político deve estar a seu serviço, como se diz comumente.

E a fim de que isso possa ser aplicado de uma forma cada vez mais completa, a política vivida pelos governantes, como serviço inspirado na verdade e no amor, deve ser acompanhada (e assim o cidadão exerce a autoridade recebida de Deus) de uma participação dos cidadãos cada vez mais plena nos assuntos públicos, porque unicamente nessa reciprocidade podemos construir o bem de toda a comunidade.

E aqui nós pensamos no relacionamento trinitário entre os dois sujeitos, que significa harmonia de unidade e multiplicidade.

No Movimento não se deseja confundir religião e política, como aconteceu e acontece devido a extremismos de cristãos e não cristãos. É necessário o reconhecimento da especificidade da política, com as suas competências próprias.

Por outro lado, Jesus é a Vida e a Vida completa. Não é apenas um fator religioso... Separá-lo da vida integral do homem é uma heresia prática dos

tempos modernos, é subjugar o homem a algo que é menos do que ele e banir Deus, que é Pai, para longe dos filhos.

Não; Jesus é o Homem, o homem perfeito, que resume em si todos os homens e toda verdade e impulso que eles podem sentir para elevar-se até o próprio lugar.

Por vezes se pensa que o Evangelho não resolve todos os problemas humanos e que instaura o Reino de Deus somente no sentido religioso. Mas não é assim. Não é certamente Jesus histórico que resolve todos os problemas. Quem o faz é Jesus-nós, membros do Corpo místico, Jesus-eu, Jesus-você... É Jesus no homem, naquele determinado homem – quando a sua graça e o amor estão nele –, que constrói uma ponte, abre uma estrada. Jesus que é a personalidade verdadeira, mais profunda, de cada um. É sendo outro Cristo que o cristão dá a sua contribuição típica em todos os campos: na ciência, na arte, na política.

Com essas ideias, nessa direção estava encaminhado o empenho dos nossos políticos, por meio dos quais foi constituído, em 1959, o "Centro Santa Catarina". Por quase dez anos, ele foi o ponto de convergência dos seus anseios e preocupações e o ponto de partida de suas atividades, renovados pelo espírito da unidade e reforçados pelo aprofundamento dos princípios da doutrina social cristã.

Na visão do Centro Santa Catarina a política, porém, não se esgota na busca do bem comum dos cidadãos só do ponto de vista material, de utilidade geral. Ela também deve agir a fim de construir uma sociedade aberta à conquista de fins cada vez mais elevados.

A política pode e deve favorecer a responsabilização de cada homem, como membro de um corpo, que é a humanidade inteira, e deve oferecer-lhe a possibilidade de alcançar aquela autorrealização temporal e aquela felicidade que só a fraternidade universal viabiliza.

Enfatizava-se que os cristãos devem ter consciência de que tudo aquilo que realizam, juntos e em comunhão com aqueles que buscam o bem da humanidade, edifica a cidade terrena e continua a obra do Criador; e, ao mesmo tempo, acelera a realização dos "Céus novos" e da "terra nova" (2 Pd 3,13), porque Cristo redimiu, com o cosmo, também a atividade humana; e

as obras dos homens permanecerão, se forem feitas conforme ao mandamento do amor.

O Centro Santa Catarina, ampliando o visual comumente aceito do empenho político e incentivando os próprios membros a inserir as escolhas cotidianas num grande projeto histórico, avaliava também, à luz da verdade presente no coração do homem, todas as leis políticas, que resistiram ao desgaste do tempo, para ratificá-las. E os nossos, que trabalhavam em política, não se sentiam sozinhos, mas observavam a presença ativa e a ajuda de todos aqueles que, no curso da história, tinham trabalhado pelo mesmo projeto. Além disso, estudavam novas leis, sugeridas pelos relacionamentos que o amor recíproco suscitava entre pessoas, entre grupos e entre povos.

Sempre ouve a convicção, a cada dia confirmada e redescoberta com novas facetas, de que a Providência de Deus nunca nos abandona e age na vida humana, portanto também na política.

São essas algumas ideias que o Movimento da Unidade herdou do Centro Santa Catarina.

Porém, existe uma ideia fundamental, que está na base de tudo e garante o sucesso dos nossos políticos no esforço contínuo de viver os ideais que almejam. Nós a oferecemos àqueles entre nós que são cristãos. Mas não só: Cristo morreu por todos os homens da Terra.

Já dissemos que é preciso, em primeiro lugar, ser autênticos cristãos e sobre essa base desempenhar a própria função política. Pois bem, ser autênticos cristãos significa seguir Jesus, vivendo a "arte de amar", que já explicamos, mas também, como ele disse com palavras fortes, renegando a si mesmos e tomando a própria cruz.

A própria cruz.

Qual é a cruz específica para quem trabalha também hoje na política? Acho que muitas vezes é a falta de unidade, de concórdia, que tornam o trabalho pesado e pouco frutuoso; as contraposições rígidas entre partidos sem tentar compreender a motivação dos outros, a divisão por causas étnicas dentro dos Estados, as divisões entre os Estados, etc.

Será necessário compreender como superar essas desunidades, como recompor a unidade.

Jesus mesmo veio à Terra para recompor a unidade perdida entre os homens e Deus e aquela dos homens entre si. Ele o fez, com a sua paixão e morte, sobretudo (é a convicção de teólogos e santos) quando experimentou em si mesmo a mais alta desunidade; aquela entre ele e o Pai, com quem era uma coisa só. Jesus gritou: «Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?» (Mt 27,46).

Pois bem, para os membros dos Focolares, esse mistério é a chave que permite realizar a unidade. Por conseguinte, também o é para aquela sua expressão que é o Movimento da unidade.

Só pessoas que têm sempre diante de si a figura de Jesus crucificado e abandonado, que sabem reconhecer o seu semblante em cada divisão, que o amam e sabem abraçar a cruz da divisão por amor a ele, são capazes de recompor a unidade.

E é amando Jesus crucificado e abandonado que elas obtêm, como um dom, uma luz que a mente por si só não produz, uma força superior àquela que comumente se tem.

O Movimento dos Focolares pouco a pouco se estendeu no mundo inteiro. Em 1956 nasceram os voluntários, pessoas muito empenhadas no social. Observando a invasão da Hungria por parte das tropas do Pacto de Varsóvia, despontou espontaneamente em nós o desejo de realizar outro tipo de invasão, com uma determinação equivalente mas de caráter oposto: aquela de realizar uma revolução de amor na vida diária, na família, nos postos de trabalho e de compromisso cultural, social e político.

Os voluntários são os principais animadores do Movimento Humanidade Nova, que coordena todos os membros do Movimento dos Focolares na qualidade de membros da sociedade civil.

Ele, ao longo das décadas, fez crescer no mundo inteiro exatamente um povo, o povo da unidade, que hoje conta com milhões de pessoas e começa a ter uma palavra original a dizer quanto ao modo de fazer cultura: economia, política, arte, justiça, comunicação, etc.; povo formado por adultos e jovens, até crianças, pessoas de qualquer cultura, profissão, nacionalidade. Os

reconhecimentos acadêmicos, civis, políticos, que prestigiosas universidades e instituições internacionais conferiram à minha pessoa, na realidade premiaram a vida desse povo e a sua presença na história atual.

Desde os primeiros tempos do nosso Movimento sempre soubemos que o carisma da unidade é portador de uma cultura própria, que é, ao mesmo tempo, filha da tradição cristã e nova, devido à luz desprendida pelo carisma. Porém, foi o crescimento do povo da unidade, a propagação da espiritualidade fora das estruturas do Movimento dos Focolares que evidenciou a característica específica dessa cultura e impeliu o seu estudo doutrinal: teológico, mas também filosófico, político, econômico, psicológico, artístico, etc. Esse é o trabalho que há dez anos foi iniciado pelos membros da "Escola Abba", à qual se dedicam, junto comigo, especialistas de diversas disciplinas.

Eis a novidade desses últimos tempos: o encontro entre o povo da unidade e a sua doutrina provocou aquilo que chamamos (termo extraído de São João Crisóstomo) de "inundações", isto é, o desenvolvimento de novas correntes, em particular no campo econômico, com o projeto da Economia de Comunhão, e naquele político, justamente com o Movimento da Unidade e em outros.

O Movimento da Unidade, que continua o Centro Santa Catarina, é portador de uma nova cultura política. Porém, da sua concepção da política não nasce um novo partido. É o método da política que é transformado: mesmo permanecendo fiel às próprias aspirações autênticas, o político da unidade ama a todos, como se disse, por isso em cada circunstância, ele procura o que une.

Hoje queremos conceber a política de um modo totalmente novo: suscitar – é uma ideia ousada – uma política de Jesus, aquela que ele pensa e que pode realizar através de nós, onde quer que trabalhemos: nos parlamentos nacionais e no governo estadual, na câmara municipal, nos partidos, nos diversos grupos de inspiração civil e política, no governo ou na oposição. A unidade, vivida assim por nós, deve ser introduzida também, como fermento, no interior de cada partido, entre os partidos, nas instituições, em cada âmbito da vida pública, no relacionamento entre os Estados.

Assim, cada povo pode ultrapassar a própria fronteira e olhar mais além, amando a pátria alheia como a própria, de modo que a presença de Jesus possa realizar-se também entre os povos e os Estados, e fazer da humanidade uma família universal, que supera o limitado conceito de sociedade internacional, pois no seu interior as relações interpessoais, entre grupos e povos, são concebidas para derrubar qualquer divisão e barreira.

Este é o objetivo do Movimento da Unidade, que começa a florescer hoje em todos os continentes, capaz de suscitar novos projetos e de atrair personalidades de todos os níveis e posições políticas. Certos membros do Movimento dos Focolares participam dele, exercendo a própria profissão ou o próprio empenho civil, ao lado de muitas outras pessoas que conheceram a espiritualidade da unidade e a vivem, sem necessariamente pertencer ao nosso Movimento.

E agora, na tentativa de compreendê-lo melhor, perguntemo-nos: qual é a característica específica do Movimento da Unidade?

Sabemos que a redenção realizada por Jesus na cruz transforma a essência de todos os laços humanos, injetando neles o Amor divino e, tornando-nos, assim, irmãos.

Ora, isso tem um profundo significado para o nosso Movimento, se pensarmos que o grande projeto político da modernidade previa, como sintetiza o lema da revolução francesa, «liberdade, igualdade, fraternidade». Mas, se nos últimos séculos os dois primeiros princípios conheceram formas parciais de atuação, a fraternidade, ao invés, apesar das declarações formais, no plano político foi quase esquecida.

Exatamente essa pode ser a característica específica do nosso Movimento: a fraternidade, por meio da qual adquirem significados novos e poderão ser plenamente atingidas também a liberdade e a igualdade.

Para concluir esta parte do meu discurso, gostaria de explicar como também a figura de Maria e o seu papel tiveram um grande significado na nossa história.

Em 1959, como sempre fazíamos naqueles anos, toda a nossa comunidade reuniu-se no período de férias. No vilarejo de montanha de Fiera di Primiero, naquele ano se alternaram 12 mil pessoas, provenientes de 27

países: os seus representantes consagraram, com um ato solene, a si mesmos e os próprios povos a Maria. Por sua vez, os nossos parlamentares presentes consagraram a ela o próprio empenho político.

Por que essa predileção por Maria e por que a consideramos Rainha das Nações e Líder do nosso Movimento?

Maria é aquela que canta: «O Todo-poderoso fez em mim grandes coisas» (Lc 1, 49). Nela Deus deposita o seu desígnio para a humanidade: nela revela a sua misericórdia pelos homens, destrói os falsos projetos dos soberbos, derruba os poderosos dos tronos e exalta os humildes, restabelece a justiça, distribui as riquezas.

Portanto, qual é a figura política maior do que a de Maria (aplausos)?

A função do Movimento da Unidade é contribuir para realizar na história a obra que Maria anuncia já realizada nela.

Delegando a outros a tarefa de contar as concretas e consistentes experiências feitas nestes últimos anos pelo Movimento da Unidade, desejei reservar para mim a narração de uma experiência em especial.

É um exemplo sobre como a fraternidade característica do Movimento da Unidade, vivida pela comunidade, influi politicamente nela, tal como pude constatar pessoalmente poucas semanas atrás, durante a minha permanência de 15 dias na África.

Para poder ser clara, devo contar brevemente uma pequena história, que é quase uma fábula, referente a um povo, os Bangwas, nos Camarões de língua anglófona.

Em 1966 fomos convidados, como focolarinos, a cuidar de um povo que vivia na floresta, em estado primitivo, afligido por muitas doenças, com um índice de mortalidade infantil de 90%.

Desesperado, porque as suas assíduas orações à divindade da sua religião tradicional não tinham obtido resultado, o povo recorreu, dando uma oferta, às orações da missão católica mais próxima.

Os focolarinos, interpelados por essa missão, abriram imediatamente uma espécie de ambulatório em uma mísera cabana, visitada inclusive por cobras.

Numa das minhas primeiras visitas, nos anos 60, enquanto grupos de Bangwas, representados pelo próprio rei, o sábio e prudente Fon Defang de Fontem, se alternavam em várias danças numa ampla esplanada na floresta, eu tive uma estranha sensação: pareceu-me que Deus, como um sol, envolvia todos eles junto conosco; e aquele sol, quase um sinal divino, fez-me prever que ali nasceria, no meio da floresta tropical, uma cidade que construiríamos juntos.

Os focolarinos edificaram a seguir, nos anos sucessivos, com ajudas recolhidas pelos jovens do Movimento em vários países, um modesto hospital, abriram escolas, canalizaram um rio que, descendo de um monte, produz eletricidade para o hospital, com tijolos de argila construíram algumas casas. E, mais tarde, uma igreja.

Mas acima de tudo, formados pela espiritualidade do Movimento, os focolarinos amaram, amaram todos aqueles irmãos em extrema necessidade, doentes, analfabetos, vendo em todos Cristo. E amaram-se reciprocamente: assim eles mesmos eram as únicas palavras vivas, que podiam pregar àquela tribo.

Os Bangwas observaram-nos por muitos meses: queriam certificar-se se aqueles homens brancos os amavam sinceramente ou se eram movidos por interesses pessoais.

Convencidos da sinceridade e da transparência dos novos hóspedes, colaboraram no que puderam. Milhares se converteram à Igreja católica. Focolarinos e Bangwas se encontraram no Movimento dos Focolares, irmanados pelo amor recíproco, sempre renovado mesmo nas dificuldades que não faltavam.

Os anos passaram e tudo prosperou: o hospital cresceu; a mortalidade infantil foi reduzida para 2%; a chaga da doença do sono foi debelada; foi construído um Internato com vários graus de ensino. Foram abertas 12 estradas para a comunicação entre vários vilarejos. Os focolarinos, ajudados por eles, construíram sessenta casas. Os Bangwas, com a nossa ajuda,

construíram muitas outras. Foi erigida uma paróquia pela autoridade da Igreja.

Este ano, após mais de 30 anos, voltei a Fontem e a cidade, bela e grande, pode ser vista por todos. Vi o que o amor pode fazer, o que pode construir a fraternidade vivida entre pessoas de vários continentes que se tornaram uma única família.

O governo abriu escolas primárias e uma escola secundária. Instalou um longo aqueduto. Em 1992, a área onde está localizada Fontem e outros povoados tornou-se município. Em 1999, chegou a Fontem a eletricidade.

Não importa se muitos Bangwas continuam a professar a religião tradicional, se a estrutura social básica ainda está apoiada em um sistema ancestral orientado por mil normas antigas. A fraternidade, que está inscrita no coração de cada homem como semente do Verbo divino, em Fontem triunfa e realiza milagres.

O rei atual, o doutor Lucas Njifua, filho do Fon precedente, viu e compreendeu essa realidade. Todos aqueles que seguem esta espiritualidade – ele nos afirmou – são justos e retos e concorrem para o bem da comunidade. Por isso, publicamente, durante a minha última viagem, ele se colocou à frente do seu povo, convidando todos, com decisão e ardor, a viver a espiritualidade do nosso Movimento, cujo Estatuto prevê, entre os seus aderentes, pessoas de qualquer religião e que não creem, mas que são de boa vontade.

O rei declara abertamente que, em Fontem, os habitantes que seguem a espiritualidade do Movimento nunca lhe apresentam problemas. Resolvem tudo entre eles com amor. Não brigam pela demarcação de suas terras, mas o fazem em harmonia; vivem na paz absoluta.

Entre eles, com efeito, não há roubos. Não se ferem nem se matam. Para eles a polícia quase não tem sentido. Encontram soluções para todos os problemas referentes à família, porque dirigem a instituição familiar na mais completa solidariedade. Os filhos não representam um grande problema econômico. Salvam a vida, já muito estimada pela cultura africana, em cada etapa específica. Respeitam a autoridade e, sempre animados pela própria cultura, valorizam profundamente os idosos. Cuidam

da saúde com meticulosidade. Têm uma generosidade incrível: a cultura da partilha, efeito da fraternidade, resplandece entre eles. O analfabetismo está extinguindo-se.

A fraternidade cria um novo estilo de vida, une a comunidade, mas ao mesmo tempo distingue os papéis e as funções. Assim sendo, as pessoas, as famílias, as pequenas empresas, as instituições tradicionais e públicas, por meio da fraternidade, atingem cada uma o próprio objetivo, respeitando cada grupo e colaborando com eles. Por isso consentem que a sociedade, no seu conjunto, realize o próprio objetivo político: o bem comum.

Personalidades eclesiásticas e civis nos encorajam dizendo: «Aquilo que vocês fizeram em Fontem, devem fazê-lo em toda a África e no Madagascar». E outras, observando o que está acontecendo, falam de um milagre: um povo inteiro, com seu rei, está realizando uma revolução de amor semelhante àquela que se viu, quando, no tempo do Império Romano, profundamente corrupto como era, os primeiros cristãos, "nascidos ontem" – como disse Tertuliano –, já tinham invadido o mundo até então conhecido.

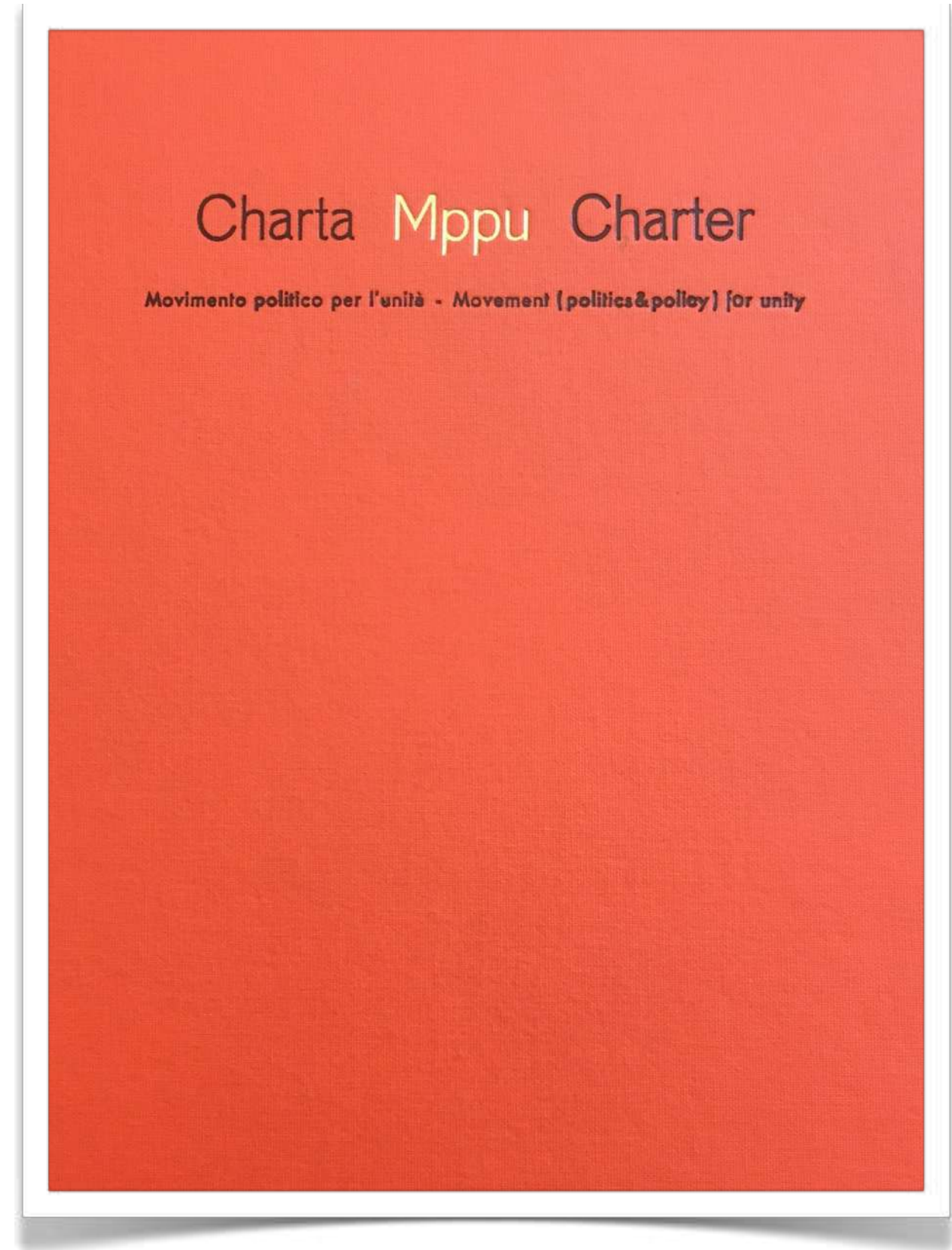
Senhoras e senhores, tudo isso fez e faz um espírito de fraternidade numa tribo africana, que se tornou um povo, com a qual nos encontramos antes que entrasse em contato com o que chamamos de "civilização".

O que poderá fazer essa atitude de fraternidade – é o que nos perguntamos –, se ela animar o resto do mundo?

(cf C. Lubich, O Movimento da Unidade para uma política de comunhão, Rocca di Papa, 9 de junho de 2000, em "New Humanity" 131 (2000), pp. 603-616)



A Charta Mppu





Charta Mppu

Desde o primeiro estatuto do Centro Santa Catarina, escrito por Chiara Lubich em 1962, vários critérios estavam claros:

- Quem está envolvido?: “Pessoas ligadas à vida pública”
- A radicalidade da eleição: “aqueles que querem viver plenamente o ideal cristão na vida política”
- A natureza democrática dos centros: “com um presidente eleito pelos seus membros”
- A seriedade do compromisso: “deve aceitar o estatuto”
- O papel de fiador e coordenador do Centro Internacional: “Aderir ao Centro Internacional”.

Quando o esboço do estatuto de 2001 foi reexaminado em 2013, ficou claro que o Movimento Político pela unidade havia crescido consideravelmente.

Desde então, Chiara Lubich escreveu e falou extensivamente para promover a paz, a fraternidade e o conceito de unidade entre os povos, mais notavelmente:

- 17 de dezembro de 1996, discurso de aceitação do Prêmio da UNESCO pela Educação para a Paz, UNESCO, Paris
- 28 de maio de 1997, "Rumo à unidade das nações e à unidade dos povos", Simpósio, Nações Unidas, Nova York

Essa série de discursos de Chiara que se referem especificamente ao MPPU foram essenciais para o desenvolvimento desta Charta:

- 9 de junho de 2000, "O Movimento pela Unidade e uma Política de Comunhão", Castel Gandolfo, Itália;



- 15 de dezembro de 2000, "Rumo a uma política de comunhão", discurso dirigido aos parlamentares italianos, Palácio San Macuto, Câmara dos Deputados da Itália.
- 10 de maio de 2001, Parlamento de Bratislava, Eslováquia.
- 8 de junho de 2001, "A Fraternidade e a Cidade", Conselho Municipal de Trento, Itália.
- 9 de novembro de 2001, antes do congresso "Mil cidades pela Europa", Innsbruck, Áustria.
- 9 de maio de 2002, antes do "Europa Fest", no Salão Promoteca, Roma, Itália.
- 2 de junho de 2002, "O Movimento pela Unidade e a Fraternidade na Política (características dos Políticos pela Unidade), Turim, Itália.
- 22 de junho de 2002, "Fraternidade e paz pela unidade dos povos", Rimini, Itália.
- 29 de novembro de 2002, discurso perante o Parlamento Catalão, na Espanha.
- 3 de dezembro de 2002, "Europa unida por um mundo unido", sede do Movimento Europeu, Madri, Espanha.
- 23 de março de 2003, em Martigny, Suíça.
- 22 de junho de 2004, "Liberdade, Igualdade ... O que aconteceu com a Fraternidade? Câmara dos Comuns, Londres, Reino Unido.
- 4 de setembro de 2004, "A Fraternidade Universal na Política: Utopia ou Realidade?", Berna, Suíça.
- 12 de setembro de 2004, discurso no Fórum do Dia da Interdependência, Roma, Itália.

Através dessas intervenções, podemos acompanhar o desenvolvimento da natureza do MPPU e a fisionomia dos "políticos da unidade" na visão e no projeto de uma "política pela unidade".

À luz desse material, tornou-se evidente a necessidade de incorporar uma dimensão mais ampla no "estatuto". Chiara mesma iniciou esse processo em 2001, quando propôs elaborar um estatuto inicial que correspondesse à

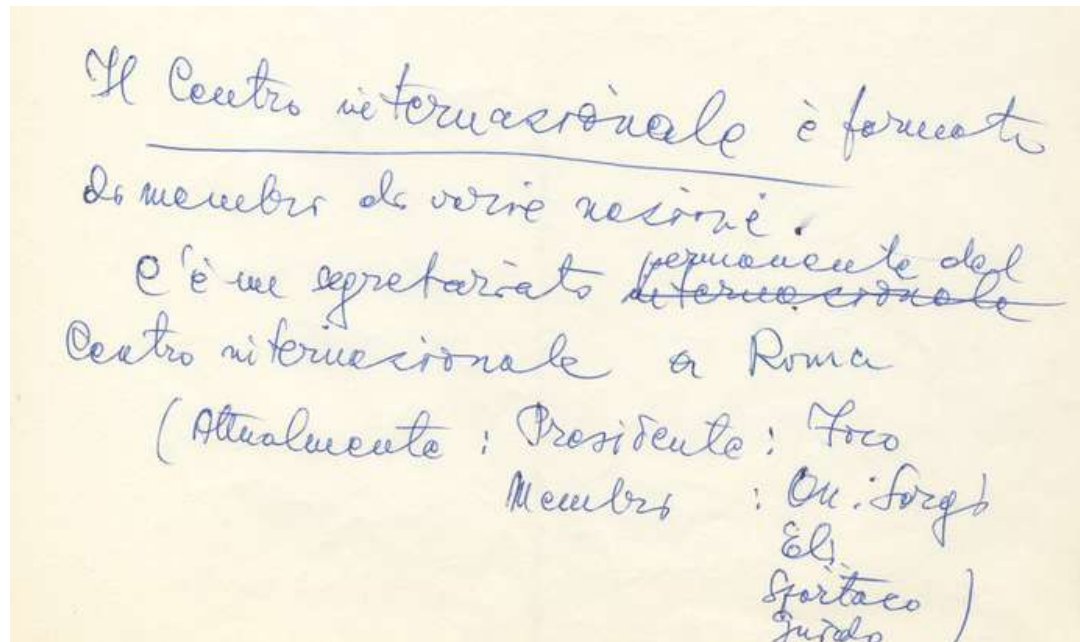
vida da época. Mais tarde, poderia ser ampliado seguindo o desenvolvimento da vida nos vários países.

De acordo com essa indicação, o Centro Internacional, entre junho de 2013 e janeiro de 2016, iniciou um processo participativo nos diversos países onde o Mppu estava presente e com o Centro do Movimento dos Focolares.

Os seguintes critérios emergiram:

- “Não”, a um estatuto: devido à natureza intencionalmente não-jurídica do Movimento Político pela Unidade, que deve ser sempre "um espaço aberto" para o diálogo e a atividade política. Mas “Sim” a uma Charta que reflita melhor a natureza e a orientação jurídica dos vários centros em todo o mundo;
- “Não”, apenas a uma democracia representativa; “Sim”, a uma democracia relacional participativa. Não só porque o primeiro seria impossível devido à ausência de uma base eleitoral estável, mas, principalmente, pela crença de que a democracia representativa não é mais adequada para o mundo de hoje, o que exige uma sociedade mais inclusiva e participativa e uma democracia mais consolidada. Daí a intenção de praticar o próprio auto governo no Mppu, para então oferecê-lo como uma contribuição para a renovação da democracia em vários contextos locais e internacionais;
- Aprovação '*ad experimentum*' por 3 anos, a fim de promover:
 - Uma maior reflexão e confronto entre a vida e a cultura atual do Mppu e suas raízes no carisma da unidade;
 - Maior participação em torno da Charta;
 - Uma maior perspectiva "global" do seu conteúdo.

1962: A ideia do Centro Internacional e dos Centros Locais.



É surpreendente como a organização interna do Mppu já esteja delineada no Estatuto do Centro Santa Catarina.

Esses mesmos elementos também constavam do esboço do Estatuto do Mppu de 2001, onde também se confirmou a necessidade de uma presidência composta por três pessoas: presidente, co-presidente e secretário/o. Desse último - confirmando a profunda unidade que deveria caracterizar o serviço realizado pelos Centros Mppu - Chiara especificou que ele não era um secretário executivo, mas um facilitador que introduzia a sabedoria no trabalho e nas relações internas e externas.

Três anos depois, em reunião com o então Centro Internacional, em 28 de maio de 2004, Chiara desenvolveu pelo menos três aspectos: a categoria das fraternidades na política, a difusão de ideias através das revistas do Movimento dos Focolares e a natureza do Mppu no contexto do diálogo com a cultura contemporânea.

Unidade, ou vamos chamá-la de fraternidade.

Riguardo alla fraternità - categoria politica eminente per Chiara, da avere come primario obbiettivo, che in certo modo comprende tutti gli altri - precisa che possiamo chiamarla unità oppure fraternità. In effetti, il nome che lei stessa aveva scelto nel 1996 era “Movimento per l’unità”, termine che riassume tutto il suo ideale e lo scopo del Movimento dei focolari da lei fondato. “Fraternità universale”, dunque, per lei non è che l’unità da attuare con tutti, anche con chi non si riconosce nella dimensione evangelica del termine “unità”.

“Dizer a verdade com amor, toda a verdade, sem ofender”.

Chiara Lubich deu grande valor às revistas do Movimento dos Focolares e sentiu que deveriam expressar também o pensamento político que emerge do ideal e da vida de unidade. E o deveria expressar pela superação de posições políticas pessoais, salvando todo o bem presente nos partidos de direita e de esquerda, dizendo a verdade claramente, mas com caridade e sem ofender ninguém. Chiara pedia para dialogar em um clima de amor mútuo para poder se concentrar no bem melhor. Ela sugeria que depois da publicação de um artigo, se alguém de posição de esquerda ou de direita se queixasse, seria necessário perguntar-se se a posição política não teria prevalecido sobre a busca do bem comum, para a qual se deve saber valorizar as boas ideias de todos os partidos políticos.

Ela estava ciente de quão delicado era esse equilíbrio, mas estava certa de que isso seria possível em um clima de fraternidade política vivida e se tornaria uma excelente e frutífera prática de comunicação política.

Para escrever sobre política internacional, ela destacou como era importante reunir a visão daqueles que vivem nos vários países em que estão escrevendo.

O Mppu também é uma organização.

Quanto à natureza do Mppu, Chiara especificou que ela é, por assim dizer, dupla.

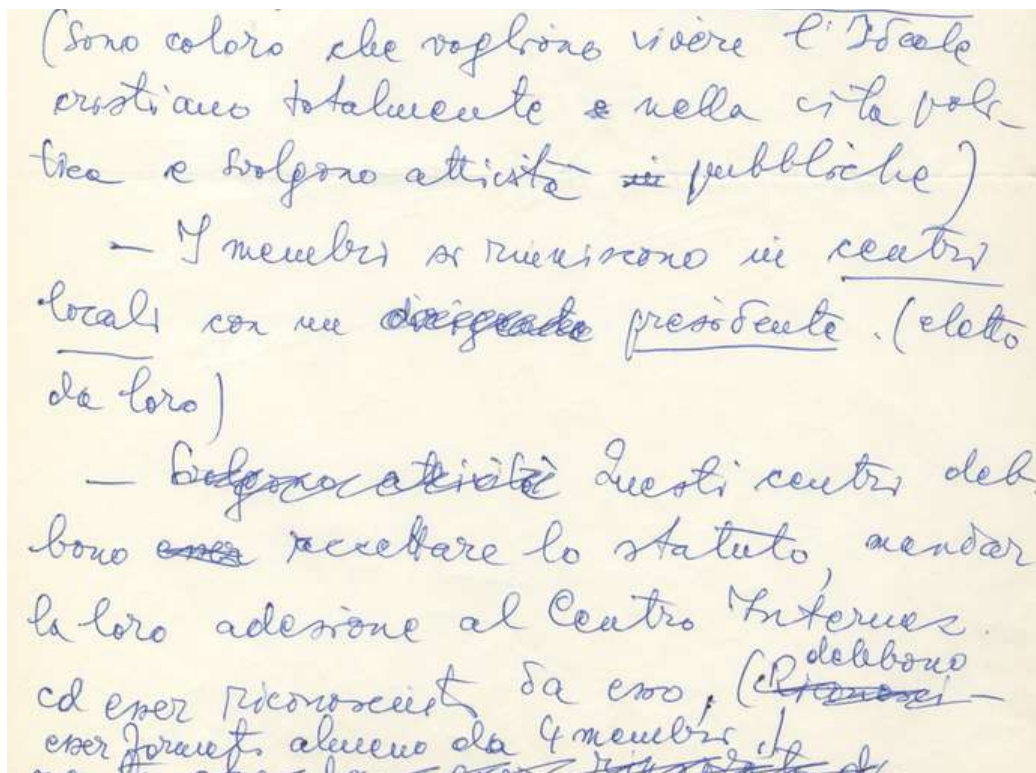
Por um lado, é uma corrente de cultura que dialoga com outras culturas.

Por outro lado, é também uma organização daqueles que desejam viver e trabalhar por uma política pela unidade.

Como resultado, o MPPU tem relações e sinergias com:

- um dos objetivos específicos do movimento, ou seja, o diálogo com a cultura e com quem no Movimento dos Focolares trata especificamente de estudo e cultura (como o Centro de Estudos Escola Abba e do Instituto Universitário Sophia)
- com movimentos de participação cívica, social e profissional: dos jovens (Jovens por um Mundo Unido) e dos adultos (Nova Humanidade)

Na última versão dos Estatutos, isto é confirmado pela nota do art. 6, e): "Eles são chamados de 'inundação' (uma palavra emprestada de São João Crisóstomo: In Joannem homilia 51: PG 59,284), ou seja correntes doutrinárias que surgem do encontro entre o próprio carisma do Movimento e com a cultura e as realidades humanas. Elas também podem dar origem a movimentos específicos, como o Movimento Econômico, Movimento Político pela Unidade, e outros".



(Sono coloro che vogliono vivere l'Focolare cristiano totalmente e nella vita politica e svolgono attività in pubbliche)

- I membri si riuniscono in centri locali con un disegnato presidente (eletto da loro)
- Volontaristi Questi centri debbono ~~essere~~ accettare lo statuto, mandare la loro adesione al Centro Interius. ed essere riconosciuti da esso. (dell'essere) ~~essere~~ ~~essere~~ almeno da 4 membri che

Charta Mppu



PREÂMBULO

A política local e internacional hoje está sujeita a enormes tensões, causadas por questões globais, muitas vezes desconhecidas. Ao mesmo tempo, o mundo está cada vez mais interdependente e expressa uma nova consciência da dignidade e dos direitos dos indivíduos e dos povos. E, como frequentemente acontece na história, nesses cenários complexos, diante de grandes desafios, novas ideias, novas visões e novas perspectivas amadurecem por toda parte.

Aconteceu também para aquelas primeiras ideias florescidas sobre as ruínas da Segunda Guerra Mundial, quando Chiara Lubich sentiu a possibilidade — e começou a promover — o amor mútuo entre os povos, introduzindo uma luz na escuridão do trágico 900. A partir deste ideal de unidade - que olha para a ação política como o "amor dos amores" e que, ao longo dos anos, coletou sonhos pessoais e sociais em um projeto comum e estimulou muitos a gastar para a humanidade - surgiu o Movimento Político pela Unidade, um laboratório internacional de inovação política para:

- **contribuir para um futuro** que não se dirija a uma globalização iníqua ou uniforme, mas **rumo a um mundo unido** por relações políticas que expressem estima e mútuo amor entre grupos sociais, entre cidades, entre estados, entre povos, em que todos reconhecem na alternância de uma autoridade sobre áreas globais comuns;
- **promover e defender os valores fundadores** da pessoa e dos povos, favorecendo os mais fracos, implementando politicamente a fraternidade universal, apoiando políticas econômicas baseadas no uso social dos bens e no compartilhamento global de recursos, no respeito ao meio ambiente e nos caminhos da justiça e liberdade;
- **apoiar estruturas institucionais** que respondam às dinâmicas de unidade e distinção entre os vários níveis de comunidades políticas e **modelos de tomada de decisões plurais e relacionais**, que tenham redes sociais e institucionais vivas, e procedimentos participativos contínuos para substanciar a democracia de todos os povos;



II congresso pelo Dia da Interdependência, Roma, 12 de setembro de 2004

A unidade, e paz que dela deriva, são atuais?

“Como todos sabemos e podemos ver, hoje o mundo é caracterizado por tensões: entre sul e norte; no Oriente Médio, na África; de guerras, ameaças de novos conflitos e de outros males típicos da nossa época. É assim. No entanto, apesar de tudo, hoje, paradoxalmente, parece que o mundo tende à unidade e, portanto, à paz: é um sinal dos tempos [...]

Por exemplo, os numerosos organismos e organizações internacionais o dizem. No mundo político, como na Europa, os estados que tendem a se unir o fazem. A "Conferência Mundial das Religiões pela Paz" o demonstra no âmbito religioso; e especialmente no mundo cristão, afirma o Espírito Santo, que impulsiona as várias Igrejas e comunidades eclesiais à unificação, após séculos de indiferença e luta. [...]

O Concílio Ecumênico das Igrejas enfatiza isso e o Concílio Vaticano II disse o mesmo, cujos documentos repetidamente voltam a essa idéia. Também algumas ideologias, hoje parcialmente superadas, que também tentavam

resolver os grandes problemas de hoje de maneira global, falaram sobre essa tensão do mundo à unidade. [...]

Os modernos meios de comunicação, que trazem o mundo todo em uma comunidade ou família, contribuem para a unidade. Sim, existe essa tensão no mundo”.

(Cf. C. Lubich, UNESCO na concessão do Prêmio de Educação para a Paz, Paris, 17 de dezembro de 1996, em "New Humanity" 108 (1996), p.640)

Estima recíproca entre os estados.

“... uma estima recíproca entre os estados, entre os povos. Isso é incomum. De fato, estamos acostumados a ver imponentes fronteiras entre os países; temer o poder dos outros; no máximo, unimos forças para nossa própria vantagem. Mas dificilmente pensamos em agir — porque até agora a moralidade popular nunca chegou até aqui — apenas para o bem de outro povo.

Mas quando a vida do corpo místico estiver tão desenvolvida entre as pessoas, que elas conseguirem de fato amar o próximo — branco ou preto, vermelho ou amarelo — como a si mesmas, será fácil transplantar esta lei entre os estados. E um novo fenômeno ocorrerá, pois o amor faz encontrar-se ou faz semelhantes, e os povos aprenderão o melhor uns dos outros e as virtudes circularão para o enriquecimento de todos.

Então teremos verdadeiramente unidade e variedade, e um povo florescerá no mundo que, embora sendo filho da terra mas informado pelas leis celestes, poderá ser chamado o "povo de Deus". »

(C. Lubich, Escritos Espirituais / 1, A atração dos tempos modernos, Città Nuova, Roma 2003, p.158)

Hoje o mundo tende a unidade.

"Hoje o mundo tende a unidade. A unidade é um sinal dos tempos: muitos fatores religiosos, sociais e políticos estão demonstrando isso. Mas precisamos esclarecer: hoje, o mundo tende a uma unidade universal, a uma unidade global. Muitas situações, necessidades, aspectos importantes da realidade contemporânea são prova disso e nos ajudam a entendê-lo.

Os meios de comunicação aproximam pessoas e povos materialmente distantes uns dos outros; tanto é assim que, por exemplo, nas escolhas pessoais de um jovem ocidental, o que acontece na Ásia ou na África pode ter um peso decisivo. Ninguém é estranho para nós, porque nós "o vemos", porque sabemos sobre ele.



Mil cidades para a Europa, Innsbruck, 9 de novembro de 2001 - Romano Prodi, Chiara Lubich, Thomas Klestil

Além disso, a globalização económica e financeira entrelaçou todos os nossos interesses, que já não estão separados uns dos outros: o que acontece em um país pode ter repercussões materiais imediatas em muitos



Parlamento da Catalunha, Barcelona, 29 de novembro de 2002 - Chiara Lubich e Joan Rigol i Roig

outros países. Novamente: há problemas que afetam a humanidade como um todo, que nenhum povo pode enfrentar separadamente dos outros. Basta pensar nas principais questões envolvendo a comunidade internacional neste período: a questão ambiental e, em particular a ecologia humana, o desenvolvimento e a nutrição, as questões relacionadas com o património genético dos diferentes grupos humanos”.

"Hoje não é mais a era dos direitos individuais, nem somente a era dos direitos sociais de uma categoria: a nossa é a era dos direitos e deveres dos povos e da humanidade. Vivemos portanto em um mundo que realmente se tornou uma aldeia: complexa e nova, mas uma aldeia. A humanidade vive hoje como se fosse um pequeno grupo.

Mas, ao contrário dos pequenos grupos do passado, ainda não conseguiu desenvolver um pensamento suficientemente capaz de respeitar as distinções compreendendo a unidade fundamental. Os conceitos tradicionais de raça, religião, cultura e estado são quebrados pela complexidade da situação.

Bem, a fraternidade é precisamente a categoria de pensamento capaz de abraçar essa unidade e distinção pela qual a humanidade contemporânea anseia. João Paulo II, falando ao Corpo Diplomático em 10 de janeiro de 2000, elegeu a fraternidade como critério de julgamento do século passado. Depois de sublinhar o grande progresso científico que caracterizou o século XX, perguntou: "Este foi também o século da fraternidade?".

Ele sublinhou "a ação perseverante de sábios diplomatas" na tentativa de edificar uma verdadeira "comunidade de nações"; isso é um indicador de "um certo desejo de construir um mundo fundado na fraternidade, para estabelecer, proteger e estender a paz ao nosso redor”.

(ver C. Lubich, Fraternidade e paz pela unidade dos povos, Rimini, 22 de junho de 2002, ACL (AGMF))

A serviço daqueles que buscam o bem.

O fato de não tomar partido... nós vimos isso como uma vantagem... porque permitia que indivíduos... escolhessem o partido que achavam oportuno... Isso é uma coisa linda... também permitiu que cada um de nós tivesse algum conhecimento fora do âmbito onde nós pensávamos que deveríamos estar... Ampliar um pouco nossos corações...

De modo geral, dada a situação atual, há uma necessidade urgente de que os cristãos estejam unidos, apesar das diferenças de posições... Também sentimos que estamos em uma posição privilegiada, por este fato: pela espiritualidade coletiva, que nos impeliu, durante toda a nossa vida, a praticar o diálogo, para fazer-nos um com os outros, para entender o outro, para entrar no outro, para talvez fazer nossos os pensamentos do outro, para fazer seus os nossos pensamentos, para chegar a uma certa unidade de pensamento...

Agora, devemos aproveitar essa técnica que temos, essa espiritualidade coletiva, para poder começar entre nós mesmos antes de tudo ... mesmo se trabalharmos aqui ou ali, devemos aproveitar isso para ser um só coração e uma só alma. E lembre-se de que somos os primeiros cristãos e depois da festa ... E como o ideal é um cristianismo como nós o vivemos, uma espécie de cristianismo: ... devemos nos amar primeiro e tentar nos entender, etc.

Aqui você poderia colocar a base de uma coisa maravilhosa, isto é, chegar a idéias comuns, de muitas maneiras, de muitas maneiras, você pode fazer por osmose, também entrar em todas as outras que estão em suas festas ... Diga: "Seja ', aqueles ... dizem que sim, você entende porque as coisas são assim e assim ... ", porque você entendeu. Aqui está. "Mas também temos essas necessidades, mas elas também entenderiam ...". Nós tentamos explicar ...

Mas por que essa unidade é necessária entre todos? Acima de tudo, é necessário salvar valores, porque aqui eles não são garantidos, nem de um lado nem do outro, apenas ... eles não são garantidos. Então, como os valores têm raízes - os melhores valores - no cristianismo, e poderiam ser ameaçados, como justiça, paz, liberdade, vida, ecologia, unidade, eis que devemos estar unidos, nosso Enquanto isso, vocês estão unidos para salvar valores, salvá-los entre si, entre vocês como aderentes a diferentes partidos e também a outros.

E aqui temos, para dizer a verdade, uma coisa maravilhosa, eu não sei se você percebe, nós colocamos neste Parlamento ... uma revolução. É ... muito importante se amamos a Itália, porque senão é inútil ir lá fazer qualquer coisa. Mas se amamos nosso país, nossa terra natal, então é muito importante que tenhamos essa possibilidade de salvar valores. E então entender um ao outro, depois discutir e depois chegar a um, e possivelmente a um único pensamento, que talvez nem mesmo faça parte de nós cristãos, talvez parte de outros, e então nós o tornamos nosso.

Portanto, deve nascer um movimento que envolva políticos de todas as partes. Eles deveriam, na minha opinião, e isso é muito importante, encontrar aqui hoje periodicamente ... com regularidade, para ajudar a si mesmos a tomar posições comuns, [e irradiar] ... a cultura que o carisma da unidade deu origem e cresceu no Movimento nestes anos. ... uma cultura ...

que agora está explodindo, está saindo ...: a cultura da doação, a da legalidade, a dos direitos humanos, a da unidade, mas tudo, tudo o que você pensa do Ideal, faz parte do nosso cultura; nossas experiências, os fatos de nossa vida, de nossa história, tornam-se patrimônio de muitos. Nós deveríamos ter certeza de que essa cultura brotaria de você mesmo entre os outros, lentamente até mesmo contagiando outros.

O Movimento ... mesmo que não possa ser, de fato ... de qualquer partido, então será para todos ... coloca-se a serviço daqueles como você que está em busca do bem do nosso país ".

(Chiara Lubich a um grupo de políticos: "Nasce o movimento da unidade" Nápoles, 2 de maio de 1996, no ACL)

Tudo se revoluciona.

"De modo que, olhando novamente para fora, vejo a humanidade com os olhos de Deus que em tudo crê porque é Amor. [...]

Então tudo se revoluciona: política e arte, escola e religião, vida privada e entretenimento. Tudo".

(C. Lubich, A ressurreição de Roma, em "O Caminho" 1 (1949), p.5 - cf. "New Humanity" 102 (1995) pp. 7-8)

Pensar a política como talvez nunca antes tenha sido concebida.

Mensagem aos políticos, Londres, 12 de novembro de 1996.

"Caríssimos,

Sei que vocês estão reunidos no Centro Mariápolis para fazer um balanço da situação, após o nascimento, em Nápoles no dia 2 de maio, do "Movimento pela unidade", que se estendeu por toda a Itália onde temos políticos do Ideal.

Condividi,
Vi lo renderei al Centro Morapoli su far il
punto delle situazioni, dopo la nascita, il 2 maggio
a Napoli, del movimento per il merito, esteso poi a tutta
l'Italia i'cale politica.

Não me cabe agora mencionar os temas atuais e urgentes que, imagino, vocês tratarão nesses dias. Não é minha competência (embora eu esteja muito interessada nisso).

Eu preferiria, com esta mensagem, tornar a sublinhar o espírito com o qual tudo deveria ser feito.

Trabalhar para o nosso "Movimento pela Unidade" certamente não é uma brincadeira. É um compromisso sério, severo e profundo, mesmo trazendo-lhes grande alegria, ímpeto e nova audácia.

Se trata, na verdade, de pensar a política como talvez nunca tenha sido concebida.

Um exemplo útil pode ser a Escola Abbà, que vocês conhecem. Lá, nós tentamos traduzir em doutrina a herança espiritual do nosso Movimento. E o fazemos, em primeiro lugar, sendo essa herança viva, colocando em prática suas exigências, renovando sempre seus propósitos. E o que acontece? O que conseguimos?

Percebeu-se que não surge tanto uma doutrina (antes de tudo, uma teologia) sobre Jesus, mas de Jesus. É Ele - esperamos e experimentamos sempre - que faz a teologia através da Escola Abbà. Por quê? Porque Ele quer estar sempre presente entre nós, o que também significa presente em cada um de nós, que pode assim dar aos outros o quanto seu Espírito, o Espírito de Jesus, lhe sugere.

Vocês podem intuir, que isso é um fato, uma aventura fantástica, emocionante, gratificante.

Agora eu me pergunto: por que não transferir essa técnica divina, esse sistema - que envolve todos nós em um constante amor recíproco, até que estejamos prontos a morrer um pelo outro, até mesmo em nossos próprios pensamentos, para que Jesus possa estar entre nós - por que não transferi-lo a outros campos? Por que não fazer nascer uma política de Jesus, a política que Ele faria se estivesse em nosso lugar?

Não era justamente este o pensamento de Foco, de que a política é caridade pública? Portanto, é sempre uma questão de caridade. Dessa caridade, que não exclui a presença do divino, mas a exige.

Imaginemos um pouco o que Jesus faria se estivesse em nosso lugar. Que serviço prestaria ao nosso país, que presente de bens, que ... milagres! Mesmo milagres, sim, faria! Porque não? Ele não prometeu que, se O seguirmos, faremos coisas maiores do que as feitas por Ele mesmo?



Parlamento do Reino Unido, Londres 2004 - Michael Martin, Chiara Lubich, Giuseppe Gambale

Coragem então! Coragem pelo amor de todos aqueles que esperam algo de nós. Vamos tentar estabelecer a Sua presença entre nós com um pacto mútuo de morte para a vida de Jesus em nosso meio.

E assim agimos, deixando que Ele trabalhe em nós, deixando-o falar em nós, ouvindo-nos, comunicando-se entre nós, para que não saia de mim ou dos outros pensamentos ou projetos, mas para defendê-los com toda a nossa força respeitando os outros; no ardente desejo de "abrir, para muitos, as portas de Cristo", como diria nosso Papa.

Vamos tentar e se não der certo, vamos começar de novo, até que os efeitos sejam testados e os frutos sejam vistos.

Eu estou com você, com cada um de vocês, pelo bem do nosso país".

(Ver C. Lubich, Mensagem aos Políticos, Londres, 12 de novembro de 1996, ACL (AGMF))

No último tema escrito por Chiara Lubich em 2006, ela focaliza com uma força surpreendente o Mppu ao lado da Economia de Comunhão e de Net One. Aqui está a última parte desse tema.

Uma cultura da ressurreição

Às vezes pensa-se que o Evangelho não resolve todos os problemas humanos e que só traz o Reino de Deus entendido em um sentido puramente religioso. Mas não é assim.

Não é o Jesus histórico ou somente Ele como a Cabeça do Corpo Místico que resolve todos os problemas humanos. Jesus - quando a sua graça atua em nós - está presente e age em nós.

Ele se torna a personalidade verdadeira e más profunda de todos.

É Jesus, nessa pessoa em particular, que constrói uma ponte, faz uma estrada: Jesus-nós, Jesus-eu, Jesus-você ...

De fato, todo cristão é mais um filho de Deus (= outro Jesus) que um filho de seu pai. É como outro Cristo, um membro do seu Corpo Místico, que toda pessoa humana pode dar uma contribuição típica em todos os campos: na ciência, na arte, na política, nas comunicações e assim por diante. E sua eficácia será maior se trabalhar em conjunto com outros unidos em nome de Cristo.

É a encarnação que continua, encarnação completa que diz respeito a todos os membros do Corpo místico de Cristo.

Assim, o que poderíamos chamar de "cultura da ressurreição" nasce e se difunde no mundo: a cultura do Ressuscitado, do novo homem e, nele, da nova humanidade.



Palácio das Nações Unidas, Nova York, 28 de maio de 1997

Inundações de luz

O Movimento dos Foculares é uma realidade espiritual que ilumina o mundo através dos indivíduos, de cada pessoa que vive a sua espiritualidade, mas também como um todo.

Ele faz isso através de "inundações" de luz, para usar um termo de São João Crisóstomo, com o qual ele doa essa luz para a cultura de hoje em seus vários aspectos.

As "inundações" são o produto de um diálogo particular - o diálogo com a cultura - que o Movimento dos Foculares vem estabelecendo há algum tempo entre a sabedoria que oferece o carisma da unidade e as diferentes áreas do conhecimento e da vida humana, tais como política, economia, sociologia, ciências humanas e naturais, comunicação, educação, filosofia, arte, saúde e ecologia, direito e outros.

Inundações que, não é difícil de entender, são mantidas apenas se constantemente animadas, inundadas pela luz que emana do dom de Deus; sob pena de cair de volta no pensamento e na ação meramente humanos.

Economia de comunhão

Na esfera econômica, por exemplo, por causa do forte sentido de Deus que traz às pessoas e do amor mútuo que se difunde entre todos, nosso carisma desperta espontaneamente entre os que o vivem uma comunhão mundial de bens que emula aquela que existia entre os primeiros cristãos de quem está escrito que "nenhum deles era necessitado" (At 4, 34).

É também para este propósito que nasceu o nosso projeto de uma "Economia de Comunhão", na liberdade, claro.

Nas empresas que aderem a este projeto, tentamos aplicar os princípios da doutrina social cristã, mas acima de tudo, entre todos os que estão na companhia, de esforçar-se para ter a presença de Jesus no meio.

Quando Ele toma as rédeas do mundo econômico - e isto acontecerá quando se multiplicarem aqueles que sabiamente colocam sua humanidade à sua

disposição - pode-se esperar que a justiça floresça e testemunhe aquela partilha maciça de bens de que o mundo precisa urgentemente.

"Ele colmou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias" (Lc 1, 53).

Esta é a revolução social que desde o início o nosso carisma colocou diante de nossos olhos.

NetOne

No campo das comunicações, sempre vimos como um sinal da providência de Deus o desenvolvimento atual de poderosos meios de comunicação social capazes de tornar a família humana mais unida, porque Deus colocou em nossos corações um carisma Seu, voltado para tão elevado propósito.

Ao mesmo tempo, é evidente - e se deduz a partir dos fatos - que esses meios não são suficientes para unir pessoas e povos e aumentar a qualidade de vida. Os mesmos devem ser colocados a serviço do bem comum e que aqueles que os usam sejam animados pelo amor.

E é aqui que nosso carisma tem muito a dizer, dar. Ele difunde o verdadeiro amor nos corações e, com ele, o interesse por todos os homens e por tudo que diz respeito à humanidade. Ensina a estabelecer relacionamentos duradouros, construtivos e criativos. Incute, acima de tudo, nas mentes, a arte de comunicar que é a arte de "não ser", saber receber (acolher, assumir como próprio, o outro, as notícias, tudo) e também dar (falar, escrever na hora e das formas mais apropriadas), sendo amor. E com isso criamos partilha, participação, comunhão.

Quando vários profissionais de comunicação, assim como aqueles que trabalham com este espírito naquela realidade que chamamos de "NetOne", silenciarem seu ego para deixar espaço ao Espírito de Deus neles, a mídia demonstrará sua capacidade de multiplicar o bem infinitamente, a voz de Deus ressoará mais alto em todos e seus operadores realizarão sua vocação para ser instrumentos de unidade ao serviço de toda a humanidade.

Movimento Político pela Unidade

E até no âmbito da política, o carisma da unidade lança luz como em nenhum outro campo.

Não é tarefa da política poder compor em unidade, na harmonia de um único projeto, a multiplicidade, as legítimas aspirações dos diferentes componentes da sociedade? E não deveria o político, por sua função de "mediador" entre os vários parceiros sociais, se sobressair na arte de dialogar e se identificar com todos?

Nossa espiritualidade, que é eminentemente coletiva, ensina essa arte que é a arte de amar até o ponto de gerar unidade.

Os políticos que o fazem, independentemente do partido a que pertençam, optam por colocar o amor recíproco diante de qualquer compromisso e interesse pessoal e, porque assim o fazem, sabem estabelecer, não sem sacrifício, a presença de Jesus no meio deles.

E Jesus, que é luz para o mundo, valoriza o quanto de verdade pode haver nos diferentes pontos de vista, e ilumina, destaca o bem comum e dá força para persegui-lo.

A experiência do nosso "Movimento Político pela Unidade" testemunha isso, como está acontecendo na Europa e em vários países da América Latina e além.

Mas o bem que sairá deste carisma será ainda maior quando muitos políticos tiverem a coragem de colocar a si mesmo e os poderes que lhes são conferidos para servir ao objetivo final que é Deus.

Assim, podemos esperar que o amor recíproco se torne realidade entre os povos que a vida de unidade nos faz antecipar e com ela a paz e a solução de muitos problemas e conflitos que ainda afligem a humanidade.

Estes são alguns exemplos que poderiam ser aplicados também em outros campos.

Se seguirmos adiante, podemos dizer com Lorenzo, o diácono romano do terceiro século: "Minha noite não tem trevas, mas todas as coisas brilham na luz".

(cf. C. Lubich, Jesus abandonado e a noite coletiva e cultural, em "Unidade e Carismas" 3-4 (2007), pp. 6-9)



A prática, o pensamento, a formação, a cooperação.

ART. 1 - O AGIR POLÍTICO

Aqueles que aderem ao Mppu – de modo aberto e livre, em cargos nas instituições ou partidos, nas funções públicas em qualquer nível, no estudo e na pesquisa social e política ou no compromisso de cidadania ativa – **devem esforçar-se, concretamente, a:**

- construir **relações inspiradas na fraternidade universal**: entre eles, nos seus próprios partidos, entre os diversos partidos, em instituições, em todas as esferas da vida pública, nas relações entre os Estados;
- compreender em profundidade a história, o papel e a finalidade do próprio projeto político assim como dos demais, a instituição em que atua e demais instituições, sua própria cidade e as cidades das outras pessoas, o seu próprio povo e os outros povos... **agindo em relação aos outros como gostariam que os outros agissem em relação a eles**;
- renovar constantemente um autêntico amor político pela própria cidade, região ou o país, com a consciência de agir **por um horizonte político mundial**;
- tornar suas as feridas ainda abertas das pessoas e dos povos e participar de ações que pretendam **sanar divisões e conflitos** promovendo percursos de reconciliação;
- propor programas de equidade nos quais **os cidadãos e os povos mais desfavorecidos** estejam em primeiro lugar na agenda política, promovendo a cultura do dar, consciente de que podem gerar positivos e inesperados eventos capazes de **multiplicar por cem os resultados previstos**;

- conceber o **exercício político como pano de fundo para o papel político do corpo social** e promover o diálogo com e entre as dimensões econômica, social, cultural, para encaminhar as iniciativas de todos num projeto comum;
- renovar continuamente o **pacto que une eleitos e eleitores** para além do dia da eleição, prestando atenção aos aspectos éticos, participativos e programáticos do mandato para o qual todos podem concorrer, **independente de qualquer ganho pessoal**, de acordo com suas funções e competências;
- desenvolver **responsabilidade e competência na ação política, técnica, diplomática, ou na pesquisa** e aproveitar todas as oportunidades para dar sua própria contribuição na renovação do estilo político e das políticas individuais, das relações internacionais, das leis e acordos institucionais locais e internacionais;
- exercitar o próprio papel político e técnico à serviço do bem e do bem comum, colocando-os acima de quaisquer interesse parcial, **prestar contas do uso responsável dos recursos** com continuidade e transparência.



Palácio do Governo, Dublin, Primeiro Ministro Bertie Ahern with Chiara Lubich

O escopo específico.

"O escopo específico do Movimento da Unidade, no qual participam militantes dos mais diversos partidos, é este: ajudar as pessoas a serem, antes de mais nada, pessoas que, em fraternidade, acreditam nos valores profundos e eternos do homem e depois se dedicam à ação política.

Então isso não é um novo partido; nem queremos confundir religião e política, como aconteceu e acontece pelos fundamentalismos dos cristãos e também dos não-cristãos.

Propõe-se apenas, e da-se testemunho, um estilo de vida que permite à política atingir seu objetivo da melhor maneira: o bem comum na unidade do corpo social".

(C. Lubich, Por uma política de comunhão, Palácio San Macuto, Câmara dos Deputados, Roma, 15 de dezembro de 2000, em "New Humanity" 134 (2001), p.215)

Políticos pela unidade

"Como viver a fraternidade? E de quais maneiras ela ajuda a política a cumprir plenamente suas tarefas? Para explicar isso, tenho que me debruçar sobre alguns aspectos do amor fraterno, e ver como ele pode ser vivido na política. Em primeiro lugar, para o político da unidade, a escolha do compromisso político é um ato de amor, com o qual ele responde a uma vocação autêntica, isto é, a um chamado pessoal. Ele responde a uma necessidade social, a um problema de sua cidade ou aos sofrimentos de seu povo, às necessidades de seu tempo. Quem é crente, adverte que é Deus quem o chama através das circunstâncias; o incrédulo responde a uma questão humana que é ecoada em sua consciência: mas ambos colocam amor em sua ação, e ambos têm seu lar no "Movimento da Unidade".

Em segundo lugar, o político da unidade torna-se consciente de que, se a política é, na sua raiz, amor, também o outro, o adversário político, pode ter feito sua escolha por amor: e isso exige respeitá-lo, entender a essência de seu compromisso, indo além dos modos - nem sempre sem animosidade - com os quais ele vive, e que pode ser corrigido. O político da unidade tem no coração que até mesmo seu adversário realize o bom projeto do qual ele é o



Parlamento italiano, Biblioteca da Câmara, 15 de dezembro de 2000

portador, porque, se ele responde a um chamado, a uma necessidade real, é parte integrante desse bem comum que só pode ser construído em conjunto.

Portanto, o político de unidade ama não apenas aqueles que lhe dão o voto, mas também os adversários; não só o seu próprio partido, mas também o dos outros; não apenas o seu próprio país, mas toda a humanidade. E amar a todos nos faz entender e viver a dimensão universal da política.

Além disso, o político da unidade não pode permanecer passivo diante dos conflitos, muitas vezes duros, que se criam abismos entre os políticos e os cidadãos. Pelo contrário, ele deve dar o primeiro passo, mesmo que apenas com a saudação, para se aproximar do outro, para retomar a comunicação interrompida.

Criar a relação pessoal onde ela não existe, ou onde ela foi interrompida, pode às vezes significar ter sucesso em desbloquear o mesmo processo político. Amar em primeiro lugar, para o político da unidade, é um ato devido à dignidade da pessoa, mas também se torna uma verdadeira iniciativa política; ajuda a superar preconceitos e o jogo dos partidos, que tantas vezes paralisam os políticos em contraposições desnecessárias.

Outro aspecto da fraternidade na política é a capacidade de mover-se para dar espaço ao outro, ficar em silêncio para ouvir os adversários. É um

"perder a si mesmo" que todos os dias renova a escolha política original, com a qual foi decidido cuidar não de si mesmo, mas dos outros. E, desse modo, nos "fazemos um" com eles, nos abrimos para a realidade deles. Fazer-se um ajuda a superar as particularidades, faz conhecer aspectos das pessoas, da vida, da realidade, que também ampliam o horizonte político: o político que aprende a fazer-se um com todos se torna mais capaz de compreender e propor. O "fazer-se um" é o verdadeiro realismo político.

Finalmente, a fraternidade encontra expressão plena no amor recíproco, do qual a democracia, se bem entendida, tem uma necessidade real: o amor dos políticos entre si e entre os políticos e os cidadãos. O político da unidade não se contenta em amar sozinho, mas tenta trazer o outro, aliado ou adversário, ao amor, porque a política é relacionamento, é um projeto comum, não apenas uma decisão individual.

Um amor recíproco que a política exige não apenas nas relações pessoais, mas como uma exigência institucional. Em seu sentido mais profundo, as distinções das tarefas, que a democracia atribui, destinam-se a permitir o amor recíproco: se a ação de amor do governo é expressa na proposta e na tomada de decisão, a resposta amorosa da oposição é dada através da contraproposta e do controle.

Mas todos esses aspectos do amor político, que realizam a fraternidade, exigem sacrifícios. Muitas vezes a atividade política revela a solidão, a sensação de abandono, a falta de compreensão por parte dos mais próximos! Quem, entre aqueles que fazem política, nunca se sentiu amargurado, ou marginalizado, ou traído, a ponto de ser tentado a sair?

Bem, tudo isso foi vivido também por Jesus, que ao chegar no auge de sua paixão, gritou a distância abismal que ele sentiu de quem, durante toda a sua vida, tinha sido o mais próximo: "Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?" (Mt 27, 46).

Com este grito, Jesus se abaixou até as profundezas da condição humana, alcançou nós homens, em nossa condição de fracasso e separação de Deus.

Todos nós estávamos separados do Pai e divididos entre nós: era necessário que o Filho fosse como nós, nos reunisse e nos levasse de volta ao Pai, para nos tornarmos irmãos. Era necessário que não se sentisse mais como Filho

para nos tornarmos filhos. Mas voltando-se para Deus: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23, 46), Jesus venceu o abismo e recompôs a unidade com Deus e entre nós.

Jesus abandonado-ressuscitado é o modelo de todo homem. E é particularmente do político, precisamente porque o político é aquele que abraça as divisões, as separações, as feridas do próprio povo, para encontrar soluções, para reconstruir-las na unidade. Este é o preço da fraternidade que é exigido do político: um preço altíssimo, assim como altíssima é a sua vocação. Mas também o prêmio é altíssimo. Pois Jesus é o homem, o homem completo e perfeito; e assim pode se tornar o político que vive ao máximo o ideal da fraternidade. Sua lealdade à prova fará dele um modelo, um ponto de referência para seus concidadãos, o orgulho de seu povo.

Estes são os políticos que o "Movimento da unidade" quer gerar, nutrir, apoiar.

Não é uma utopia. O dizem alguns dos que nos precederam no céu: como Joseph Lux, ex-vice-premier da República Tcheca, que conseguiu



Campidoglio, Roma, Cidadania honorária

conquistar a admiração de colegas e adversários; ou Domenico Mangano, que viveu a política na administração municipal de Viterbo, em serviço constante aos seus concidadãos; ou Iginio Giordani, cujo processo de canonização, recentemente iniciado, está mostrando como ele viveu não apenas virtudes religiosas, mas também virtudes civis: um sinal, isto é, que se pode tornar santo não "apesar da política", mas "através da política".

(C. Lubich, O Movimento da Unidade e Fraternidade Política, Turim, 2 de junho de 2002, ACL (AGMF))

Um pacto de fraternidade pelo próprio país.

“Gostaríamos de propor a todos aqueles que atuam na política para assumir este modo de vida, formulando quase um pacto de fraternidade para a Itália, que coloca o seu bem acima de todos os interesses parciais: seja individual, grupal, de classe ou de partido.

Porque a fraternidade oferece possibilidades surpreendentes. Permite, por exemplo, entender e também assumir o ponto de vista do outro, de modo que nenhum interesse, nenhuma necessidade permanece estranha.

Ela reconstrói o tecido social e, para ela, adquirem novos significados também a liberdade e a igualdade, com todas as orientações políticas e as escolhas que delas derivam.

Há essa profunda convicção dos políticos do Movimento: a fraternidade nos permite valorizar e manter juntas as experiências humanas que, de outra forma, arriscam a se transformar em conflitos incuráveis, como as feridas ainda abertas da questão sul e as novas necessidades legítimas do Norte. A fraternidade harmoniza as experiências das renascidas autonomias locais, dos governos municipais que tanto contribuem para o crescimento da democracia, com um sentimento de plena pertença à pátria. A fraternidade ilumina a crescente consciência de ser europeu em uma Europa que - pela história e cultura - vai do Atlântico aos Urais. Consolida a consciência da importância das organizações internacionais e de todos os processos que tendem a superar as barreiras e a dar passos importantes para a unidade da família humana.

A fraternidade é um compromisso que promove o desenvolvimento autenticamente humano do país sem isolar, na incerteza do futuro, as categorias mais fracas, sem excluir outras do bem-estar, sem criar novas

pobrezas; salvaguarda os direitos de cidadania e de acesso à cidadania, abrindo uma esperança àqueles que buscam a possibilidade de uma vida digna em nosso país, que possa mostrar sua grandeza em oferecer-se como pátria para aqueles que a perderam; auxilia a pesquisa científica e a invenção de novas tecnologias, salvaguardando a dignidade da pessoa humana do primeiro ao último momento de sua vida, sempre proporcionando condições para que cada pessoa realize sua liberdade de escolha e possa crescer na toma de responsabilidades. Em uma palavra: pode colocar em prática essa capacidade específica de amar inscrita no DNA de toda mulher e de todo homem, que a realiza plenamente como pessoa, única e irrepetível.

A fraternidade - assim nos parece - também nos permitiria introduzir novos princípios no trabalho político cotidiano: asseguraria que nunca nos impusemos contra ninguém ou que seja a expressão de apenas uma parte do país. Há aqueles que trabalham no governo e aqueles que se trabalham na oposição, mas somente juntos garantem a soberania dos cidadãos”.

(Ver C. Lubich, Por uma política de comunhão, cit., pp.215-217)

As feridas a serem curadas.

“É nesta fraternidade universal, que cria unidade salvando as distinções, que está a vocação da Europa. Ainda está a caminho. Guerras, regimes totalitários, injustiça deixaram feridas abertas para curar. Mas, para ser verdadeiramente europeu, devemos ser capazes de olhar com misericórdia para o passado, reconhecendo como nossa a história do meu país e do outro, reconhecendo que o que somos hoje é o resultado de acontecimentos comuns, um destino europeu que exige ser tomado inteiramente e conscientemente em nossas mãos.

A unidade da Europa pede hoje, aos políticos europeus, que interpretem os sinais dos tempos, e que façam entre si quase um pacto de fraternidade, que os comprometa a considerar-se membros tanto da pátria europeia como da nacional, procurando sempre o que une e encontrando juntos soluções para os problemas que ainda dificultam a unidade de toda a Europa.

Por um objetivo tão alto, certamente vale a pena dedicar a própria existência”.

(Ver C. Lubich, "Mil Cidades para a Europa", Innsbruck (Áustria), 9 de novembro de 2001, em *The Spiritual Doctrine, Nova Cidade, Roma 2006*, p.224, cf. "New Humanity" 139 (2002) p 28).

A política que apóia o florescimento de iniciativas.

“A fraternidade, também pode alcançar a igualdade real na cidade, que consiste em criar as condições para que cada cidadão, família, associação, empresa, escola, possa expressar a sua personalidade e cumprir a sua vocação, dando o melhor de si. É por isso que, naturalmente, as habilidades técnicas e gerenciais são necessárias para a administração. Mas, mais profundamente, a quem governa a cidade pede-se parar, ouvir os cidadãos e assumir seus problemas.

É o amor que eu mencionei no início, o 'fazer-se um' com os outros, se é difícil para nós, os priva do peso, e indica a solução dos problemas, que não pode ignorar o ponto visão de quem mora lá.

Desta forma, o governo não se impõe, mas respeita todas as identidades e todas as tarefas. É ágil e flexível, pronto para compreender a prioridade apresentada no momento presente.

A cidade, portanto, não é governada de cima, mas é levantada por baixo, e a política assume o papel do apoio que sustenta o florescimento de iniciativas projetadas por ou junto com os cidadãos; torna-se verdadeiro serviço, unificando os esforços de todos em prol do bem comum.

Continuando desta maneira, na verdade, a fraternidade, além de ajudar a escuta mútua e a compreensão das necessidades e recursos, guia no estudo amoroso da história civil e religiosa de sua cidade, no entendimento do seu património cultural e associativo. Desta forma, conseguimos compreender, pouco a pouco, a verdadeira vocação de uma cidade, na qual todos recebem a oportunidade de viver a sua própria e, realizando-se a si mesmo, ajuda o desenvolvimento e o bem da cidade”.

(Cf C. Lubich A fraternidade no horizonte da cidade, Trento, 8 de junho de 2001, "New Humanity" 137 (2001), p. 588-589).

A política como um serviço amoroso

“O Exmo. Iginio Giordani, deputado italiano e co-fundador do nosso Movimento, em seu estilo inconfundível, escreveu: “Quando se cruza o umbral de casa para mergulhar no mundo, não se pendura a fé em um prego atrás da porta, como um boné velho”. E pouco depois, ele acrescentou: ‘A política é caridade em ação, serve e não patroa”.

Um dia, tive a impressão de entender o que a política significava como amor. Se fôssemos dar uma cor para cada atividade humana, à economia, saúde, comunicação, arte, trabalho cultural, administração da justiça... a política não teria uma cor, seria o fundo, preto, que destaca todas as outras cores. Por esta razão, a política deve buscar um relacionamento contínuo com todas as outras esferas da vida, para colocar assim as condições para que a própria sociedade, com todas as suas expressões, possa realizar plenamente o seu desígnio. É claro que nesta constante atenção ao diálogo, a política tem o dever de reservar algumas áreas específicas: priorizando um programa justo, fazendo dos últimos da sociedade sujeitos privilegiados,



Praga, 2001, il Presidente Vaclav Havel e Chiara Lubich

buscando sempre a participação, o que significa diálogo, mediação, responsabilidade e concretude”.

(Ver C. Lubich na Câmara dos Comuns, Westminster, Londres, 22 de junho de 2004, em A Doutrina Espiritual, p.368)

O sonho.

Vos te digo uma coisa que tenho no coração. Eu tenho uma ideia que, antes de morrer, eu gostaria de realizar ou pelo menos ver desabrochar.

Nós temos uma experiência fabulosa. (...) Por exemplo, temos uma providência que chega, dia após dia, e que então é distribuída aos pobres, ou às estruturas; portanto esse "dai e vos será dado" que experimentamos no Movimento é algo impressionante. Nós (...) começamos em Piazza Cappuccini, onde dormíamos no chão, em um colchão no chão, com apenas a foto de Jesus Abandonado na parede, porque queríamos começar do zero, ... porque era assim como Deus nos inspirava.

E agora temos uma Obra imensa, imensa também do ponto de vista concreto, não só das pessoas: 4 milhões como vocês sabem, mas também



Viterbo, l'Assessore Domenico Mangano, durante un tavolo di concertazione

das estruturas. E eu digo para mim mesma: por que isso aconteceria com um movimento? E não poderia ter um chefe de Estado, por assim dizer, com esse modo de raciocinar: "Dai e vos será dado", "Buscai o reino de Deus...", e tudo mais vos será acrescentado; o cêntuplo nesta vida? (...)

Por que os chefes políticos não pensam dessa maneira e resolvem, por exemplo, o problema da pobreza? Por que sempre se voltam para essas instituições internacionais e não se voltam para o Pai Eterno? Ele que nos mandou essas coisas, começando do zero, não poderia também mandar para a Itália, para a Europa, para a África? Por quê?

Então eu digo: eu tenho o segredo, eu tenho a chave para abrir a possibilidade de resolver esses problemas, para quem eu a entrego? Para quem eu a dou? É claro que devemos seguir em frente e ser sempre um exemplo, no entanto, quem sabe se deste nosso movimento "transversal" não nasce amanhã essa possibilidade?

(...) quando eu começava a viver Ideal, eu pedi um par de sapatos nº 42: "Me dê um par de sapatos para você, naquele pobre" - e com fé pedimos, porque é para você. Saio da porta da igreja e encontro uma senhora que me dá um par de sapatos. Que número? 42. Outro precisa de uma jaqueta e eu vou à igreja e: "Dê-me uma jaqueta para você". Eu saio e encontro a jaqueta.

Porque não se consegue encontrar a solução, por exemplo, para o problema da fome? Para o problema do terceiro mundo? Pelo menos em parte, eu não sei... É necessário deixar entrar essa cultura, aumentá-la, desenvolvê-la, defendê-la, difundi-la. (...)

Em uma cidade, por exemplo, precisam fazer uma estrada: mas a Prefeitura não tem dinheiro. Ou, como eu soube, precisa-se pintar uma casa, mas a Prefeitura não tem dinheiro. Então fazemos outra coisa. Nós não temos dinheiro! Se você não tem, pede à Prefeitura, se eles não te derem, o Pai Eterno te dará. "Pedi e vos será dado". Nós pedimos e obtemos, porque os outros não podem pedir e receber?

Ou por que eles nem sequer pensam em trazer Deus para a política? Se o fizessem, todo o resto lhes seria acrescentado. O cêntuplo! O 'cêntuplo' pode ser mil vezes mais! Assim conseguiríamos alimentar muita gente.

(Chiara Lubich a um grupo de políticos: "Nasce o movimento da unidade" Nápoles, 2 de maio de 1996, ACL)



Câmara do Conselho, Palermo, Itália, 20 de janeiro de 1998, Cidadania Honorária

ART.2 - UMA NOVA CULTURA POLÍTICA

A **cultura política**, da qual o MPPU é portador e que pretende divulgar, se desenvolve no encontro e no diálogo entre o Ideal da Unidade, com as suas boas práticas, e o pensamento político em ação na história e na realidade contemporânea.

O **compromisso com a pesquisa e o estudo** se beneficia, principalmente, da colaboração com a Escola Abba e com o Instituto Universitário Sophia – ambas expressões, como o MPPU, do Movimento dos Focolares, com cursos universitários e de pós-graduação, grupos de pesquisa e acadêmicos dedicados à leitura do conhecimento a partir da luz do Ideal da Unidade.

Para tanto, o MPPU privilegia o **trabalho interdisciplinar e intercultural**, com a convicção de que o enriquecimento mútuo pode elucidar e ressaltar os valores de cada povo para uma compreensão compartilhada da realidade mundial e para torná-lo uma referência comum para **um novo humanismo fundamentado na Cultura da Unidade**.

Uma verdadeira e autêntica corrente política

Durante sua viagem à Argentina e ao Brasil em 1998, Chiara percebe que muitos jovens que haviam se doado sem medidas por um mundo unido haviam alcançado posições de alta responsabilidade. Eles querem encontrá-la para retomar o contato e ela sente como é importante que no Movimento dos Focolares haja um lugar onde se possa desenvolver juntos e plenamente a própria vocação humana e profissional.

"Como? Elevando as duas realidades que temos, o Movimento da Unidade na política e a Economia de Comunhão no social, para verdadeiras e autênticas correntes políticas e econômicas, com todas as consequências: possuir a primeira uma verdadeira filosofia, uma verdadeira ciência política, teórica e prática, um modo de estar na política, de fazer política, de olhar para o mundo político; reunir-se em todos os Estados para fazer uma nova política, organizar reuniões periódicas ou conferências sobre esta política,

usar os meios de comunicação para torná-la conhecida, preparar novos políticos ...

Sabendo que tudo deve ser uma expressão do ideal, subjacente a cada coisa.

Se isso nascer como uma grande corrente política que te toca de todos os lados, os nossos que se sentem chamados a aderir não terão dificuldade em viver seus "altos" compromissos como uma expressão dela, como uma verdadeira "vocação" nela.

No que diz respeito à Economia de Comunhão, isto não deve se limitar a exemplos na criação de novas empresas inspiradas por ela, com alguns comentários daqueles mais ou menos especialistas, mas também nesse caso deve se tornar uma ciência com a participação de economistas treinados, que sabem delinear a teoria e a prática, comparando-a com outras tendências científicas e econômicas, provocando não apenas teses de graduação, mas escolas das quais muitos possam nutrir-se.

Uma verdadeira ciência que dá dignidade àqueles que devem demonstrá-la com ações e signifique uma verdadeira "vocação" para aqueles que se dedicam a ela de algum modo.

O Movimento político e o Movimento econômico já presentes na Obra podem agora desenvolver-se dos maiormente.

O Movimento político e o Movimento econômico estão tão impregnados do nosso carisma em todas as suas expressões, que podemos prever sua aplicação até mesmo para além do Movimento, se estruturados como se deve pelos que são especialistas e pelo Espírito Santo que faz novas todas as coisas.

(C. Lubich, Carta da Mariópolis Araceli, São Paulo, 7 de maio de 1998, em CL (AGMF))

O bem do país precisa do trabalho de todos

A fraternidade ainda lhes permitiria viver plenamente a relação entre o eleito, desde quando ele é candidato, e os cidadãos do seu território: um lugar privilegiado para um diálogo que produza programas como fruto da cooperação entre a sociedade civil e política. O candidato manteria assim

mais facilmente os compromissos assumidos e prestaria contas de suas ações; e os cidadãos o acompanhariam em seu trabalho apoiando-o durante todo o mandato. Desta forma, seria superada a separação entre sociedade e política, e os eleitos não se encontrariam nunca sozinhos, seriam expressão de uma comunidade na qual permanecem profundamente enraizados; comunidade que, através da eleição de seu representante, se abre à dimensão da nação.

Assim, para a fraternidade que dá paz, serenidade, seria mais fácil para os partidos renovar-se, mas ao renovar-se, redescobririam a grandeza de sua tarefa, uma vez que nenhum deles nasceu por acaso, mas por necessidade histórica, por uma necessidade compartilhada de afirmar um valor; e eles seriam motivados a colocar em relevo sua inspiração original e seus valores fundamentais. Ao mesmo tempo, cada partido reconheceria os valores e tarefas dos outros partidos encorajando-os, também através de uma crítica, cheia de respeito e amor, para expressar a sua verdadeira identidade e levar a cabo a ação que o bem comum espera deles.

Este é mais ou menos o ideal do Movimento da Unidade propõe e pretende praticar o aparente paradoxo de amar o partido do outro como o seu próprio, porque o bem do país precisa do trabalho de todos.

(ver C. Lubich, Por uma política de comunhão, cit., p.127)



Seul, 2010, Conclusão do Curso Escola do Mppu. Entrega dos Certificados na presença de Marco Fatuzzo, segundo presidente da Mppu Internacional

ART.3 - A FORMAÇÃO

O MPPU promove **uma formação política baseada no testemunho e na cultura** da qual é portador, valorizando experiências, ideias e realizações políticas construtivas suscitadas em diferentes contextos históricos, geográficos e culturais. Com esta finalidade, organiza:

- **encontros periódicos** nos quais políticos, diplomatas, funcionários públicos, acadêmicos e cidadãos ativos possam compartilhar experiências, ideias e projetos baseados:
 - a) no Ideal da Unidade;
 - b) nas suas implicações para a vida e ação política;
 - c) nas melhores práticas;
- **conferências, seminários, mesas redondas, fóruns** nos quais examinar questões específicas de políticas e discussões abertas em um clima de recíproca escuta e colaboração no respeito aos diferentes pontos de vista e afiliações partidárias, com o objetivo de amadurecer ideias e soluções compartilhadas e disseminá-las nos seus próprios ambientes de ação;
- cursos de formação e discussão **para jovens** interessados em estudar e renovar a Política e as políticas, **locais comunitários de formação**, interdisciplinares e interculturais, laboratórios de ideias e iniciativas concretas de cidadania ativa e de participação política nas realidades locais, ou junto a instituições nacionais e internacionais.

ART.4 - AS COOPERAÇÕES

O MPPU colabora constantemente com atividades análogas do Movimento dos Focolares empenhados **no diálogo com a cultura contemporânea** em vários campos sociais e disciplinares e expressa, assim, um dos objetivos específicos deste Movimento.

Age em sinergia com o Movimento Humanidade Nova e o Movimento Jovens por um Mundo Unido, que inspirados pelo mesmo Ideal da Unidade, se empenham **em projetos de cidadania ativa** e de conscientização, para renovar as atividades humanas individuais e estruturas sociais, a fim de contribuir para melhorar o impacto dessas ações.

O Centro Internacional coopera, para as suas atividades em instituições internacionais, com a **ONG New Humanity**.

Adere também a atividades comuns promovidas com ou por outras associações ou **com ou por entidades e instituições que têm objetivos semelhantes aos seus**.



Página web do Mppu

ART.5 - A DIFUSÃO

Para oferecer e **divulgar suas ideias e experiências**, o MPPU dispõe de iniciativas públicas, estudos e publicações, de ferramentas de comunicação atuais, adequados e eficazes, bem como qualquer outra oportuna e adequada iniciativa.



A rede de Centros Mppu e as relações com o Movimento dos Focolares para a organização interna, a presidência, os recursos.



Centro Internacional Mppu 2001

ART. 6 - O CENTRO INTERNACIONAL

As atividades do MPPU, em nível mundial, são coordenadas por **uma estrutura essencial de serviço** que consiste num centro internacional, formado por uma equipe de três a nove pessoas. Todos os membros devem assegurar um pessoal e adequado compromisso para cooperar ativamente nas tarefas do Centro e participar de reuniões regulares. São escolhidos com um processo deliberativo e eletivo aberto e transparente, como descrito nos artigos 8, 9 e 10 seguintes.

ART. 7 - PRESIDENTE, CO-PRESIDENTE, SECRETARIA GERAL

O(A) Presidente **apoia e facilita o trabalho de toda a rede do MPPU internacionalmente**. Assegura-se de que sejam sempre perseguidos, em todos os níveis, os objetivos da presente Charta. É responsável pelas relações entre os centros MPPU no mundo e entre o MPPU e o centro do Movimento dos Focolares com suas ramificações. Representa oficialmente o MPPU Internacional.

Garante a presença na sede do Centro Internacional. Suspende o exercício dos cargos políticos nas instituições e partidos durante o mandato.

Realiza esta tarefa em estreita colaboração com um(a) Copresidente e um(a) secretário(a) com a função organizacional geral. Presidente, Copresidente e Secretário(a) se empenham em **assegurar nas relações internas e externas e em cada iniciativa a aplicação dos princípios fundamentais do MPPU**.



Centro Internacional Mppu 2013

ART. 8 - O PROCESSO PARTICIPATIVO E DELIBERATIVO

No curso do sexto mês anterior ao próprio vencimento (ver art.13) o Centro Internacional deverá preparar um documento final do seu mandato, o qual será enviado aos Centros Nacionais e à Presidente do Movimento dos Focolares.

No decorrer do mesmo mês, cada Centro Nacional, constituído ou em fase de constituição (ver art.12), prepara e envia para o(a) Secretário(a) do Centro Internacional **uma lista de não mais de cinco candidatos(as) para a renovação do Centro Internacional**, acompanhada por fotos, breves currículos e outros materiais de apresentação que podem ser disseminados mediante consentimento prévio.

O(a) Secretário(a) do Centro Internacional se certifica de que estas candidaturas satisfazem os critérios básicos estabelecidos nos artigos 6 e 7; providencia a tradução dos currículos para as principais línguas utilizadas pelos Centros Nacionais; envia, até o quinto mês anterior ao término do seu mandato, tal lista **a todos os Centros Nacionais estabelecidos e em fase de constituição** e, para conhecimento, à Presidente do Movimento dos Focolares.

Os Centros Nacionais organizam, acompanham e recolhem os resultados de **um processo participativo e deliberativo**, que tenha pelo menos as seguintes características:

- a) um diálogo aprofundado dentro do Centro Nacional e de cada Centro Local;
- b) uma participação vasta e aberta a todos os aderentes do MPPU nos diversos territórios (ver art.1);
- c) uma fase deliberativa adequadamente preparada na qual identificar as indicações programáticas internacionais e a tríade estabelecida no parágrafo seguinte.

Pelo menos cinquenta dias antes do término do mandato do Centro Internacional, **os Centros Nacionais** estabelecidos e constituintes enviam para o(a) Secretário(a) do Centro Internacional **suas próprias indicações programáticas e as propostas da tríade de candidatos(as)**. A tríade deve incluir pelo menos um(a) candidato(a) de nacionalidade e origem geográfica diferente da dos componentes do Centro Nacional. Não mais do que um(a) candidato(a) pode, eventualmente, ser proposto(a) fora da lista composta e enviada pelo Centro Internacional. Neste caso, o Centro Nacional deve acompanhar esta candidatura fora da lista com justificação e motivação adequadas e todas as informações relevantes.



Centro do Movimento dos Focolares, Rocca di Papa, 4 de fevereiro de 2015

ART. 9 - A NOMEAÇÃO DOS MEMBROS DE CENTRO

Pelo menos trinta dias antes do fim de seu mandato, o Centro Internacional envia à Presidente do Movimento dos Focolares os resultados do processo participativo e deliberativo referido no artigo 8 acima. A Presidente, levando em conta os mesmos e podendo indicar uma outra pessoa, **nomeia os membros do Centro Internacional** (ver art. 6).

ART. 10 - A PRIMEIRA CONVOCAÇÃO E A ELEIÇÃO DA PRESIDÊNCIA

O Centro Internacional, assim composto, é convocado pelo membro mais ancião para uma sessão programática de trabalho não inferior a três dias. Precedidos por um minucioso debate, o primeiro ato desta sessão é **a eleição, uma maioria de dois terços, em sucessão, do(a) Presidente e do(a) Copresidente**. Eles escolhem entre os membros restantes do novo Centro Internacional o(a) **Secretário(a)**.

No final desta sessão, são enviados a todos os centros constituídos e constituintes os seguintes documentos:

- a) a **composição** do Centro Internacional;
- b) um **documento de planejamento do mandato acompanhado de um orçamento trienal de despesas**;
- c) a **agenda do primeiro ano de mandato**.

Os mesmos são entregues à Presidente do Movimento dos Focolares.

ART. 11 - OS CENTROS NACIONAIS E LOCAIS

Os Centros MPPU nacionais e locais se constituem seguindo a geografia política e em coordenação com o Centro Internacional. Suas composições ocorrem, dependendo do desenvolvimento do MPPU no local, **da mesma forma** que o Centro Internacional, em conformidade com os artigos 8, 9, 10 e 13 da presente Charta, com exceção de que a nomeação dos membros, disposta no artigo 9, realize-se de comum acordo entre o Centro Internacional (ou o Centro Nacional quando se trata dos Centros das regiões e cidades), e quem representa, em cada território, o Movimento dos Focolares.

Onde tais centros ainda não tiverem sido constituídos, as iniciativas MPPU podem ser delegadas – pelo Centro Internacional ou pelos Centros Nacionais, dependendo do nível territorial, ouvindo os Delegados locais do Movimento dos Focolares – **uma pessoa que as coordene temporariamente na fase constituinte.**

Os Centros Locais, Nacionais e o Centro Internacional, respeitando a própria autonomia e as diferentes atribuições, cuidam das contínuas, intensas e recíprocas relações, contribuindo com a agenda e assumindo **uma responsabilidade comum** nas grandes decisões que afetam o desenvolvimento do MPPU no mundo.



Lucia Crepaz, primeira presidente do Centro Internacional de Mppu em uma conferência nacional no Brasil

Desígnios perenemente novos

A contribuição para uma nova governança internacional e local não é apenas teórica, é também uma prática vivida na própria organização. Não centralismo, nem apenas descentralização ou coordenação das várias seções. É ao mesmo tempo unidade e distinção. O Mppu é uma realidade mundial única, mas cada uma das suas expressões nacionais ou regionais é uma unidade distinta, com características culturais e políticas próprias. Em toda parte, o Mppu procura estar profundamente enraizado na vida local, compartilhando os processos de sofrimento e desenvolvimento de seu povo, expressando e agindo de acordo com a cultura política do lugar.

O que caracteriza a singularidade internacional não é apenas o objetivo comum de um mundo unido. É muito mais. Baseia-se na capacidade de tecer relacionamentos diversos e mútuos. Sobre o reconhecimento e a estima da autonomia do outro e, ao mesmo tempo, sobre a percepção de uma realidade única com responsabilidade comum no cenário internacional.

A unidade não é, de fato, algo estático ou permanente, mas, pelo contrário, é algo muito dinâmico, porque é continuamente composto em relacionamentos novos e renovados. Sem esse dinamismo, ele se dissolve.

Reunir várias comunidades locais sob o governo comum de um território maior, por exemplo, em uma região, nunca pode cancelar as características de cada cidade e de cada município. Pelo contrário, devem ser capazes de distinguir, por assim dizer, em alguns momentos, do governo sobre-ordenado a desenvolver todas as realidades que contêm e que, por sua vez, são como um poliedro com numerosas faces, cada uma com sua própria riqueza.

Quando as comunidades políticas locais se reúnem novamente para decisões supramunicipais, sua contribuição será enriquecida pela dinâmica de cada cidade e, conseqüentemente, toda a região crescerá institucional, social, cultural e economicamente.

Da mesma forma, deve ocorrer entre os estados nas regiões continentais e também para toda a comunidade internacional. Um jogo contínuo de

unidade e distinção que é a única garantia de uma relação estável entre os povos e, portanto, da paz.

Esperamos que esta dinâmica e essa concepção de unidade entre as comunidades políticas - que os Mppu tirem do ideal de unidade de Chiara Lubich e que comece a praticar e estudar - possam ser uma inspiração para aqueles que desejam dar nova eficácia à governança local e internacional, repensando os arranjos institucionais ou, novamente, ajudando a direcionar os povos para uma nova ordem mundial, não imposta, mas uma expressão da dignidade e participação de todos; não estático, mas continuamente dinâmico.

ART. 12 - A MAIORIA QUALIFICADA

Em caso de decisões a serem tomadas por maioria de votos, referidas nos artigos 6 e 11, cada um dos órgãos colegiados delibera por maioria de **dois terços** dos membros efetivos. Nas votações que possam ocorrer durante o processo participativo/deliberativo, de acordo com o artigo 8, deve ser alcançada a maioria de dois terços dos presentes.



Castel Gandolfo, 2016, Centro Internacional Mppu prestando contas do seu mandato

ART. 13 - DURAÇÃO DOS MANDATOS E SUBSTITUIÇÃO DOS MEMBROS

Todos os membros do Centros Internacionais, dos Centros Nacionais e Locais permanecem no cargo por três anos e **não** podem ser reconduzidos por **mais de duas vezes consecutivas**. Em caso de renúncia ou impedimento, a Presidente do Movimento dos Focolares, ou quem a represente para os Centros Nacionais ou Locais, prevê novas nomeações em comum acordo com o Centro Internacional (ou com o Centro Nacional quando se tratar dos Centros de regiões ou cidades). Se tais renúncias ou impedimentos dizem respeito ao(à) Presidente, Copresidente ou Secretário(a) dos Centros do MPPU, proceder-se-á como indicado no artigo 10. Neste caso, é possível votar por correspondência ou por outros meios de telecomunicação.

ART. 14 - OS PROJETOS E OS RECURSOS

O Centro Internacional pode se beneficiar da colaboração da New Humanity ou de outras ONGs devidamente identificadas, instituições através das quais também podem contribuir para os editais que prevejam financiamento institucionais oportunos. Os Centros Nacionais e Locais podem valer-se, nos seus próprios países, das organizações e associações similares em nível nacional e regional.

O MPPU subsidia suas atividades seguindo princípios de **simplicidade, transparência e publicidade**, mesmo com contribuições livres daqueles que partilham de seus objetivos e/ou projetos. Os relatórios e prestações de contas das atividades do MPPU, incluindo balanços consultivos, serão elaborados pelos Centros e publicados em seus próprios sites ou em sites de referência.

A participação dos membros dos Centros Mppu, em todos os níveis, é livre, exceto pela figura do Secretário Geral, cuja colaboração pode ser gratuita ou por consideração.

Os Centros podem dispor de colaborações voluntárias ou remuneradas que, caso requeiram a parceria de ONGs ou outras organizações, devem ser previamente acordadas.



Representantes do Movimento dos Focolares



de JpMU



e de Humanidade Nova no Seminário 2016

ART. 15 - APROVAÇÃO E REVISÃO

A presente Charta foi redigida depois de um processo participativo mundial, no âmbito do MPPU, e apresentada em três de maio de 2016 ao Conselho Geral do Movimento dos Focolares, que a compartilhou. Entra em vigor após a assinatura dos representantes dos Centros do MPPU presentes em Castel Gandolfo, Roma, Itália, em 24 de junho de 2016. Todas as revisões propostas pelo MPPU ou pelo Conselho Geral do Movimento dos Focolares, devem seguir o mesmo processo de aprovação.



A adesão à Charta

Por ocasião do vigésimo aniversário do Mppu, realizou-se em Castel Gandolfo (Itália), de 23 a 26 de junho de 2016, um seminário internacional, durante o qual se formalizou a adesão à Charta.

Segue um breve relato.

Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares, enviou uma mensagem de grande importância que marcou uma etapa para o Mppu.

Em seguida, reportamos o texto completo da Charta.





24/06/2016

MPPU: VINTE ANOS DE UMA POLÍTICA PARA A UNIDADE

Apenas qualquer noticiário para entender que o mundo perdeu a paz. É uma hora escura da história, mas não é o fim do mundo, é a dolorosa gestação de uma nova era. E sem deixar de acolher e chorar com quem chora, é para essa 'nova era' que devemos voltar nossos olhares, energias e uma nova criatividade política.

É por isso que o 20º aniversário do movimento político pela unidade não foi uma celebração, mas uma formação para este desafio, em comparação com o carisma da unidade. A mensagem de Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares, apela intensamente a esse compromisso.

Centros Mppu, alguns parlamentares, diplomatas e jovens foram convidados para o seminário, principalmente em streaming: uma variedade de credos, idiomas e culturas políticas. Está entrelaçada com a do diálogo com a cultura contemporânea, oferecendo-nos a riqueza de conteúdos e outras dimensões da ação e do pensamento (economia, direito, sociologia, comunicação etc.), para os quais a política deve ser sempre um pano de fundo e um serviço.

O Charta Mppu foi promulgado, estendido após um processo participativo, que coleta e atualiza as indicações escritas de Chiara Lubich em 1962 para o Centro de S. Caterina e aquelas entregues ao Mppu em mais de dez anos. Consiste em duas partes: 1) compromisso com uma política de unidade; 2) a transparência das estruturas essenciais de serviços que são os Centros Mppu.

E imediatamente os primeiros passos foram dados para implementá-lo. Primeiro de tudo, a construção participativa da agenda internacional que indicou a cidade como o lugar preeminente da política. Assim, o relatório do Centro Internacional sobre o seu trabalho nos últimos três anos. Finalmente, o início de um processo generalizado que levará à renovação dos Centros Mppu em todos os níveis em três fases: participação generalizada; sinergia com os centros do Movimento dos Focolares; eleição do presidente e co-presidente de cada Centro Mppu.

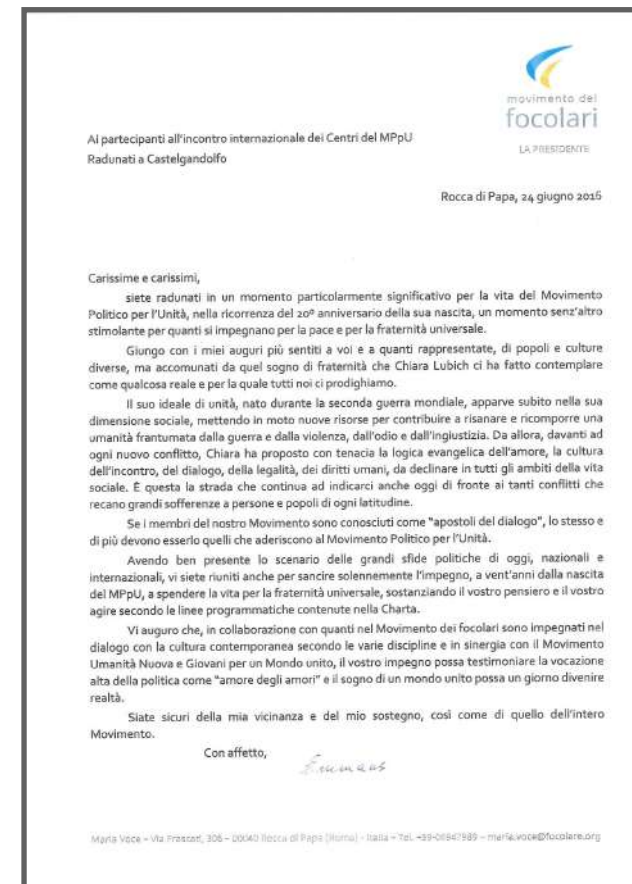
A presença de representantes de importantes realidades de compromisso social e civil, como a Nova Humanidade e a Juventude para um mundo unido ou acadêmico, como o Instituto Universitário Sophia, não foi apenas uma honra para os Mppu, mas a confirmação de uma sinergia mais forte, já no lugar e que vai crescer daqui em diante.

As perspectivas para as Escolas Mppu para jovens e testemunhos são interessantes. Mencionamos apenas os de alguns parlamentares: o primeiro coreano, o budista, que agora quer aprofundar o elo entre os ensinamentos de Buda e as políticas de unidade; o segundo da República Democrática do Congo, abalado pela turbulência do adiamento das eleições, ambos se comprometeram com a transparência e a democracia: "Somos dois partidos diferentes e tudo nos dividiria. Mas continuamos unidos pelo bem do nosso país".





Um momento da conclusão do encontro internacional do Mppu. Castel Gandolfo, 25/12/2017



Carta do Presidente do Movimento dos Foculares aos participantes



Charta Mppu

PREAMBULO

A política em nível local e internacional é hoje submetida a enormes tensões, provocadas por questões globais, muitas vezes inéditas. Ao mesmo tempo, o mundo está cada vez mais interdependente e expressa uma nova consciência da dignidade e dos direitos dos indivíduos e dos povos. E, como muitas vezes acontece na história, nestes cenários complexos, em face a grandes desafios, amadurecem em toda parte novas ideias, novas visões, novas perspectivas.

Foi o que aconteceu com aquelas primeiras ideias emersas nos escombros da II Guerra Mundial, quando Chiara Lubich (1) intuiu como possível e começou a promover o amor mútuo entre os povos, introduzindo uma luz na escuridão do trágico século vinte.

Desse ideal de unidade (2) – que compreende o agir político como "o amor dos amores" (3), e que, ao longo dos anos, uniu num projeto comum sonhos pessoais e sociais, suscitando em muitos o desejo de se dedicarem à humanidade – surgiu o Movimento Político pela Unidade, um laboratório internacional de inovação política, com o objetivo de:

- **contribuir para um futuro** que não caminhe em direção a uma globalização injusta e uniforme, mas **em direção a um mundo unido** mediante relações políticas que expressem consideração e amor recíproco entre grupos sociais, entre cidades, Estados, povos, em que todos se reconheçam na alternância de uma autoridade nos âmbitos comuns, em nível mundial;
- **promover e defender os valores fundamentais** da pessoa e dos povos, conferindo prioridade aos mais vulneráveis, atuando politicamente a fraternidade universal, sustentando políticas econômicas baseadas na utilização social dos bens e na partilha mundial dos recursos, no respeito ao meio ambiente, no caminho da justiça e da liberdade;

- **sustentar acordos institucionais** que respondam às dinâmicas de unidade e à distinção entre os vários níveis de comunidades políticas e **modelos de tomadas de decisão plural e relacional**, que tenham como fundamentos sejam redes sociais e institucionais vivas, sejam procedimentos participativos contínuos para sustentar a democracia de cada povo.

*Centros do Movimento político pela unidade – Movement promoting policies for unity
em nome daqueles que, de vários países, aderiram,
reunidos em 23 e 24 de junho de 2016,
em Castel Gandolfo, Itália*

se comprometem com a presente Charta:

PRIMEIRA PARTE

A PRÁTICA, O PENSAMENTO,
A FORMAÇÃO, A COOPERAÇÃO, A DIFUSÃO

Art. 1 - O AGIR POLÍTICO

Aqueles que aderem ao MPPU – de modo aberto e livre, em cargos nas instituições ou partidos, nas funções públicas em qualquer nível, no estudo e na pesquisa social e política ou no compromisso de cidadania ativa – devem esforçar-se, concretamente, a:

- construir **relações inspiradas na fraternidade universal**: entre eles, nos seus próprios partidos, entre os diversos partidos, em instituições, em todas as esferas da vida pública, nas relações entre os Estados;
- compreender em profundidade a história, o papel e a finalidade do próprio projeto político assim como dos demais, a instituição em que atua e demais instituições, sua própria cidade e as cidades das outras pessoas, o seu próprio povo e os outros povos... **agindo em relação aos outros como gostariam que os outros agissem em relação a eles (4)**;

- renovar constantemente um autêntico amor político **pela própria cidade, região ou o país**, com a consciência de agir **por um horizonte político mundial**;
- tornar suas as feridas ainda abertas das pessoas e dos povos e participar de ações que pretendam **sanar divisões e conflitos** promovendo percursos de reconciliação;
- propor programas de equidade nos quais **os cidadãos e os povos mais desfavorecidos** estejam em primeiro lugar na agenda política, promovendo a cultura do dar, consciente de que podem gerar positivos e inesperados eventos capazes de multiplicar por cem os resultados previstos;
- conceber o **exercício político como pano de fundo para o papel político do corpo social** e promover o diálogo com e entre as dimensões econômica, social, cultural, para encaminhar as iniciativas de todos num projeto comum;
- renovar continuamente o **pacto que une eleitos e eleitores** para além do dia da eleição, prestando atenção aos aspectos éticos, participativos e programáticos do mandato para o qual todos podem concorrer, **independente de qualquer ganho pessoal**, de acordo com suas funções e competências;
- desenvolver **responsabilidade e competência na ação política, técnica, diplomática, ou na pesquisa** e aproveitar todas as oportunidades para dar sua própria contribuição na renovação do estilo político e das políticas individuais, das relações internacionais, das leis e acordos institucionais locais e internacionais;
- exercitar o próprio papel político e técnico à serviço do bem e do bem comum, colocando-os acima de quaisquer interesse parcial, **fazer uso responsável dos recursos** com continuidade e transparência.

Art. 2 - UMA NOVA CULTURA POLÍTICA

A **cultura política**, da qual o MPPU é portador e que pretende divulgar, se desenvolve no encontro e no diálogo entre o Ideal da Unidade, com as suas

boas práticas, e o pensamento político em ação na história e na realidade contemporânea (5).

O **compromisso com a pesquisa e o estudo** se beneficia, principalmente, da colaboração com a Escola Abba (6) e com o Instituto Universitário Sophia (7) – ambas expressões, como o MPPU, do Movimento dos Focolares, com cursos universitários e de pós-graduação, grupos de pesquisa e acadêmicos dedicados à leitura do conhecimento a partir da luz do Ideal da Unidade.

Para tanto, o MPPU privilegia o **trabalho interdisciplinar e intercultural**, com a convicção de que o enriquecimento mútuo pode elucidar e ressaltar os valores de cada povo para uma compreensão compartilhada da realidade mundial e para torná-lo uma referência comum para **um novo humanismo fundamentado na Cultura da Unidade**(8).

Art 3 - A FORMAÇÃO

O MPPU promove **uma formação política baseada no testemunho e na cultura** da qual é portador, valorizando experiências, ideias e realizações políticas construtivas suscitadas em diferentes contextos históricos, geográficos e culturais. Com esta finalidade, organiza:

- **encontros periódicos** nos quais políticos, diplomatas, funcionários públicos, acadêmicos e cidadãos ativos possam compartilhar experiências, ideias e projetos baseados:
 - a) no Ideal da Unidade;
 - b) nas suas implicações para a vida e ação política;
 - c) nas melhores práticas;
- **conferências, seminários, mesas redondas, fóruns** nos quais examinar questões específicas de políticas e discussões abertas em um clima de recíproca escuta e colaboração no respeito aos diferentes pontos de vista e afiliações partidárias, com o objetivo de amadurecer ideias e soluções compartilhadas e disseminá-las nos seus próprios ambientes de ação;

- cursos de formação e discussão **para jovens** interessados em estudar e renovar a Política e as políticas, **locais comunitários de formação**, interdisciplinares e interculturais, laboratórios de ideias e iniciativas concretas de cidadania ativa e de participação política nas realidades locais, ou junto a instituições nacionais e internacionais.

Art. 4 - AS COOPERAÇÕES

O MPPU colabora constantemente com atividades análogas do Movimento dos Focolares empenhados **no diálogo com a cultura** contemporânea em vários campos sociais e disciplinares e expressa, assim, um dos objetivos específicos (9) deste Movimento.

Age em sinergia com o Movimento Humanidade Nova (10) e o Movimento Jovens por um Mundo Unido (11), que inspirados pelo mesmo Ideal da Unidade, se empenham em **projetos de cidadania ativa** e de conscientização, para renovar as atividades humanas individuais e estruturas sociais, a fim de contribuir para melhorar o impacto dessas ações.

O Centro Internacional coopera, para as suas atividades **em instituições internacionais**, com a ONG New Humanity (12).

Adere também a atividades comuns promovidas com ou por outras associações ou com ou por entidades e instituições que têm objetivos semelhantes aos seus.

Art. 5 - A DIVULGAÇÃO

Para oferecer e **divulgar suas ideias e experiências**, o MPPU dispõe de iniciativas públicas, estudos e publicações, de ferramentas de comunicação atuais, adequados e eficazes, bem como qualquer outra oportuna e adequada iniciativa.

SEGUNDA PARTE

A REDE DE CENTROS MPPU E SUAS RELAÇÕES COM O MOVIMENTO DOS FOCOLARES PARA ORGANIZAÇÃO INTERNA, A PRESIDÊNCIA, OS RECURSOS.

Art. 6 - O CENTRO INTERNACIONAL

As atividades do MPPU, em nível mundial, são coordenadas por **uma estrutura essencial de serviço** que consiste num centro internacional, formado por uma equipe de três a nove pessoas. Todos os membros devem assegurar um pessoal e adequado compromisso para cooperar ativamente nas tarefas do Centro e participar de reuniões regulares. São escolhidos com um processo deliberativo e eletivo aberto e transparente, como descrito nos artigos 8, 9 e 10 seguintes.

Art. 7 - PRESIDENTE, CO-PRESIDENTE, SECRETARIA GERAL

O(A) Presidente **apoia e facilita o trabalho de toda a rede do MPPU internacionalmente**. Assegura-se de que sejam sempre perseguidos, em todos os níveis, os objetivos da presente Carta. É responsável pelas relações entre os centros MPPU no mundo e entre o MPPU e o centro do Movimento dos Focolares com suas ramificações. Representa oficialmente o MPPU Internacional.

Garante a presença na sede do Centro Internacional. Suspende o exercício dos cargos políticos nas instituições e partidos durante o mandato.

Realiza esta tarefa em estreita colaboração com um(a) Copresidente e um(a) secretário(a) com a função organizacional geral. Presidente, Copresidente e Secretário(a) se empenham em **assegurar nas relações internas e externas e em cada iniciativa a aplicação dos princípios fundamentais do MPPU**.

Art. 8 - O PROCESSO PARTICIPATIVO E DELIBERATIVO

No curso do sexto mês anterior ao próprio vencimento (ver art.13) o Centro Internacional deverá preparar um documento final do seu mandato, o qual

será enviado aos Centros Nacionais e à Presidente do Movimento dos Focolares.

No decorrer do mesmo mês, cada Centro Nacional, constituído ou em fase de constituição (ver art.12), prepara e envia para o(a) Secretário(a) do Centro Internacional **uma lista de não mais de cinco candidatos(as) para a renovação do Centro Internacional**, acompanhada por fotos, breves currículos e outros materiais de apresentação que podem ser disseminados mediante consentimento prévio.

O(a) Secretário(a) do Centro Internacional se certifica de que estas candidaturas satisfazem os critérios básicos estabelecidos nos artigos 6 e 7; providencia a tradução dos currículos para as principais línguas utilizadas pelos Centros Nacionais; envia, até o quinto mês anterior ao término do seu mandato, tal lista **a todos os Centros Nacionais estabelecidos e em fase de constituição** e, para conhecimento, à Presidente do Movimento dos Focolares.

Os Centros Nacionais organizam, acompanham e recolhem os resultados de **um processo participativo e deliberativo**, que tenha pelo menos as seguintes características:

- a) um diálogo aprofundado dentro do Centro Nacional e de cada Centro Local;
- b) uma participação vasta e aberta a todos os aderentes do MPPU nos diversos territórios (ver art.1);
- c) uma fase deliberativa adequadamente preparada na qual identificar as indicações programáticas internacionais e a tríade estabelecida no parágrafo seguinte.

Pelo menos cinquenta dias antes do término do mandato do Centro Internacional, **os Centros Nacionais** estabelecidos e constituintes enviam para o(a) Secretário(a) do Centro Internacional **suas próprias indicações programáticas e as propostas da tríade de candidatos(as)**. A tríade deve incluir pelo menos um(a) candidato(a) de nacionalidade e origem geográfica diferente da dos componentes do Centro Nacional. Não mais do que um(a) candidato(a) pode, eventualmente, ser proposto(a) fora da lista composta e enviada pelo Centro Internacional. Neste caso, o Centro Nacional deve acompanhar esta candidatura fora da lista com justificação e motivação adequadas e todas as informações relevantes.

Art. 9 - A NOMEAÇÃO DOS MEMBROS DE CENTRO

Pelo menos trinta dias antes do fim de seu mandato, o Centro Internacional envia à Presidente do Movimento dos Focolares os resultados do processo participativo e deliberativo referido no artigo 8 acima. A Presidente, levando em conta os mesmos e podendo indicar uma outra pessoa, **nomeia os membros do Centro Internacional** (ver art. 6).

Art. 10 - A PRIMEIRA CONVOCAÇÃO E A ELEIÇÃO DA PRESIDÊNCIA

O Centro Internacional, assim composto, é convocado pelo membro mais ancião para uma sessão programática de trabalho não inferior a três dias. Precedidos por um minucioso debate, o primeiro ato desta sessão é **a eleição, uma maioria de dois terços, em sucessão, do(a) Presidente e do(a) Copresidente**. Eles escolhem entre os membros restantes do novo Centro Internacional **o(a) Secretário(a)**.

No final desta sessão, são enviados a todos os centros constituídos e constituintes os seguintes documentos:

- a) a **composição** do Centro Internacional;
- b) um **documento de planejamento do mandato acompanhado de um orçamento trienal** de despesas;
- c) a **agenda do primeiro ano de mandato**.

Os mesmos são entregues à Presidente do Movimento dos Focolares.

Art. 11 - OS CENTROS NACIONAIS E LOCAIS

Os Centros MPPU nacionais e locais se constituem seguindo a geografia política e em coordenação com o Centro Internacional. Suas composições ocorrem, dependendo do desenvolvimento do MPPU no local, **da mesma forma** que o Centro Internacional, em conformidade com os artigos 8, 9, 10 e 13 da presente Charta, com exceção de que a nomeação dos membros, disposta no artigo 9, realize-se de comum acordo entre o Centro Internacional (ou o Centro Nacional quando se trata dos Centros das

regiões e cidades), e quem representa, em cada território, o Movimento dos Focolares.

Onde tais centros ainda não tiverem sido constituídos, as iniciativas MPPU podem ser delegadas – pelo Centro Internacional ou pelos Centros Nacionais, dependendo do nível territorial, ouvindo os Delegados locais do Movimento dos Focolares – a **uma pessoa que as coordene temporariamente na fase constituinte.**

Os Centros Locais, Nacionais e o Centro Internacional, respeitando a própria autonomia e as diferentes atribuições, cuidam das contínuas, intensas e recíprocas relações, contribuindo com a agenda e assumindo **uma responsabilidade comum** nas grandes decisões que afetam o desenvolvimento do MPPU no mundo.

Art. 12 - A MAIORIA QUALIFICADA

Em caso de decisões a serem tomadas por maioria de votos, referidas nos artigos 6 e 11, cada um dos órgãos colegiados delibera por maioria de **dois terços** dos membros efetivos. Nas votações que possam ocorrer durante o processo participativo/deliberativo, de acordo com o artigo 8, deve ser alcançada a maioria de dois terços dos presentes.

Art. 13 - DURAÇÃO DOS MANDATOS E SUBSTITUIÇÃO DOS MEMBROS

Todos os membros do Centros Internacionais, dos Centros Nacionais e Locais permanecem no cargo por três anos e **não** podem ser reconduzidos por **mais de duas vezes consecutivas.** Em caso de renúncia ou impedimento, a Presidente do Movimento dos Focolares, ou quem a represente para os Centros Nacionais ou Locais, prevê novas nomeações em comum acordo com o Centro Internacional (ou com o Centro Nacional quando se tratar dos Centros de regiões ou cidades). Se tais renúncias ou impedimentos dizem respeito ao(à) Presidente, Copresidente ou Secretário(a) dos Centros do MPPU, proceder-se-á como indicado no artigo 10. Neste caso, é possível votar por correspondência ou por outros meios de telecomunicação.

Art. 14 - OS PROJETOS E OS RECURSOS

O Centro Internacional pode se beneficiar da colaboração da New Humanity ou de outras ONGs devidamente identificadas, instituições através das quais também podem contribuir para os editais que prevejam financiamento institucionais oportunos. Os Centros Nacionais e Locais podem valer-se, nos seus próprios países, das organizações e associações similares em nível nacional e regional.

O MPPU subsidia suas atividades seguindo princípios de **simplicidade, transparência e publicidade**, mesmo com contribuições livres daqueles que partilham de seus objetivos e/ou projetos.

Os relatórios e prestações de contas das atividades do MPPU, incluindo balanços consultivos, serão elaborados pelos Centros e publicados em seus próprios sites ou em sites de referência.

A participação dos membros dos Centros Mppu, em todos os níveis, é livre, exceto pela figura do Secretário Geral, cuja colaboração pode ser gratuita ou por consideração.

Os Centros podem dispor de colaborações voluntárias ou remuneradas que, caso requeiram a parceria de ONGs ou outras organizações, devem ser previamente acordadas.

Art. 15 - APROVAÇÃO E REVISÃO

A presente Carta foi redigida depois de um **processo participativo** mundial, no âmbito do MPPU, e apresentada em três de maio de 2016 ao Conselho Geral do Movimento dos Focolares, que a compartilhou. Entra em vigor após a assinatura dos representantes dos Centros do MPPU presentes em Castel Gandolfo, Roma, Itália, em 24 de junho de 2016. Todas as revisões propostas pelo MPPU ou pelo Conselho Geral do Movimento dos Focolares, devem seguir o mesmo processo de aprovação.

NOTAS



1. Chiara Lubich (1920-2008), fundadora do Movimento dos Focolares (1943), é considerada uma das mais importantes personalidades espirituais do século XX. Foi uma das principais protagonistas de uma Igreja-Comunhão, do ecumenismo, do diálogo inter-religioso e com pessoas de convicções não religiosas, promotora incansável de uma cultura de fraternidade e unidade entre os povos (www.centrochiarylubich.org).
2. "... Ideal da Unidade que animou a minha existência e aquela do Movimento dos Focolares, que represento; ideal que é reconhecido como uma dádiva que Deus queria doar aos homens de nosso tempo. Um dom gratuito, destinado a todos, que não requer inscrição e associação, não divide as pessoas com base em sua cultura, religião, afiliação política, mas ilumina cada um sobre aquilo que o une aos demais, valorizando as diferenças e as originalidades da contribuição que cada pessoa pode dar para o projeto comum da humanidade... Jesus, que assim rezou antes de sua morte: 'Que todos sejam um' (Jo 17,21)". [Chiara Lubich. A Europa unida por um mundo unido. Conferência do Movimento Europeu, Madrid. 3 de dezembro de 2002].
3. "O compromisso de amor na política, de fato, significa criar e preservar as condições que permitem a todos os outros amores florescer: o amor dos jovens que querem se casar e precisam de um lar e um emprego, o amor de quem quer estudar e precisa de escolas e livros, o amor de quem se dedica à sua empresa e precisa de estradas e ferrovias, de regras certas... A política é, portanto, o amor dos amores, que reúne na unidade de um projeto comum a riqueza das pessoas e grupos, permitindo a cada um realizar livremente a sua vocação. Mas o faz em modo que trabalhem juntos colaborando entre si, provocando o encontro das necessidades com os recursos, das perguntas com as respostas correspondentes, inculcando em todos a confiança uns nos outros. A política pode ser comparada com o caule de uma flor, que sustenta e alimenta o renovado desabrochar das pétalas da comunidade". [Chiara Lubich. Mil cidades pela Europa. Conferência Europeia, Innsbruck, 9 de novembro de 2001].
4. Existe uma lei universal expressa nos livros sagrados das principais religiões e nos textos de sabedoria de muitas culturas, tão valioso a ponto de ser chamado de Regra de Ouro: Fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem a nós mesmos e não fazer aos outros o que não gostaríamos que fizessem a nós.
5. As "inundações" são fruto de um diálogo com as várias expressões culturais que o Movimento dos Focolares, há algum tempo, vem desenvolvendo, a partir das inspirações do Carisma da Unidade, com as diferentes áreas do conhecimento e da experiência humana, como a política, a economia, a sociologia, as ciências humanas e naturais, a comunicação, a educação, a filosofia, a arte, a saúde e a ecologia, o direito, dentre outras. [Chiara Lubich. Mensagem ao Voluntaryfest, Budapeste, 16 de setembro de 2006].
6. Centro de estudos do Movimento dos Focolares, ativo desde 1991.
7. O Instituto Universitário Sophia (IUS) é um centro de formação e pesquisa acadêmica, no qual se encontram a existência e o pensamento, diferentes culturas e diferentes disciplinas, num ambiente cujo sistema educacional está centrado nas relações

humanas. O IUS tem sede em Loppiano – Incisa in Val d'Arno, Florença (www.iu-sophia.org).

8. "Sonho com uma aproximação e um enriquecimento recíprocos entre as várias culturas existentes, para dar origem a uma cultura mundial que abriga em primeiro plano os valores que sempre foram a verdadeira riqueza de cada povo e que eles sejam considerados a sabedoria global. (...) Sonho com um mundo unido na variedade de pessoas que se reconhecem todas na interação de uma única autoridade. Sonho com a antecipação dos 'novos céus' e das 'novas terras' que é possível aqui na terra. Sonho muito, mas temos um milênio para ver isso realizado" [Chiara Lubich, Città Nuova, 2000, n.1].
9. Cf.: Estatutos Gerais do Movimento dos Focolares, Fins específicos, art. 6, e).
10. Humanidade Nova: dimensão social do Movimento dos Focolares, que se propõe, por meio do engajamento profissional e cívico (ou de cidadania ativa), a contribuir para a renovação das relações, das estruturas e da vida das cidades, procurando com coragem, junto a muitos, soluções concretas para as grandes questões da humanidade (www.umanitanuova.org).
11. Jovens por um Mundo Unido (Y4UW): presente em 180 países, de culturas, religiões e nacionalidades diferentes, unidos na escolha de viver para a fraternidade universal e preparar-se – com o estudo e engajamento cívico – para torná-la a pedra angular da política, da economia, do trabalho, da proteção ao meio ambiente, dos esportes, da comunicação, da ciência, da arte (www.y4uw.org – www.unitedworldproject.org).
12. ONG internacional, ativa em mais de 100 países. Desde 1987, a New Humanity goza do Status Consultivo Especial da ONU junto ao ECOSOC e desde 2005 do Status Consultivo Geral. Desde 2008 tem sido reconhecida como uma ONG parceira da UNESCO. Participa de programas da Comissão Europeia. www.new-humanity.org

* * *

Índice

Introdução: Uma política pela unidade	2
Capítulo 1: As raízes	3
Origens: As três primeiras datas	4
Um precursor: Igino Giordani	6
O nascimento do Movimento Político pela Unidade	9
O Movimento da Unidade por uma política de comunhão	10
Capítulo 2: A Charta Mppu	17
A Gênese	18
Preâmbulo	22
A prática, o pensamento, a formação, a cooperação	30
A rede de Centros Mppu e as relações com o Movimento dos Focolares para a organização interna, a presidência, os recursos	39
Capítulo 3: A adesão à Charta	44
A assinatura de adesão à Charta	45
O texto da Charta	47
Notas	52

Sobre o autor

O MPPU atua como uma rede em nível regional e mundial. Os nós dessa rede são as comissões locais, nacionais e o centro internacional, que atuam como realidades leves de coordenação e de serviço, com a função de promover, de ser os nós dos contatos, de facilitar as iniciativas e, não menos importante, de manter a bússola na direção de um mundo unido.

O Centro internacional tem a função específica de proporcionar o relacionamento entre todas as comissões, mantendo-as sempre abertas à dimensão mundial; procura cooperar também, em nível mundial, com outros órgãos que tenham por objetivo renovar a política e as políticas específicas, em vista da convivência fraterna e da paz; traduzir o princípio da fraternidade universal em propostas de política internacional.

Secretaria Internacional MPPU
Via Piave, 15
00046 Grottaferrata (Roma) - Itália
E-mail: info@mppu.org
Telefone: +39-06945407210

© Copyright Mppu

O MPPU conta com a colaboração de "New Humanity", ONG fundada em 1987 que possui Status Consultivo Geral junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC).



<http://www.mppu.org>